

"OS CAPOEIRAS"



Roteiro Original

De

Carlos Eduardo Goulart

E-mail: nixty@hotmail.com

Fone: (21) 9502-7845

Obra Registrada- B.N. -Esc.Dir. Autorais

FADE IN

Ao som de uma música africana, um desenho animado em meia tela conta a estória da capoeira, desde os seus primórdios, até o ano de 1888. Ao lado das imagens aparecem os créditos.

EXT. TERRENO DA TRIBO, ÁFRICA - DIA (DESENHO ANIMADO)

Um atabaque é tocado em uma festa africana. Dois africanos lutam o "jongo" dando golpes de cabeça e saltos no ar. Um português conversa com o rei da tribo.

CORTA PARA

Esta tribo sob o comando do rei guerreira com outra. Estes são feitos prisioneiros e vendidos aos portugueses. O rei se olha vaidoso a um espelho.

CORTA PARA

INT. NAVIO NEGREIRO, ALTO MAR - DIA (DESENHO ANIMADO)

Os africanos sendo transportados num navio negreiro deitados lado a lado e acorrentados. O navio chega ao Brasil.

CORTA PARA

EXT. PRAÇA, RIO DE JANEIRO - DIA (DESENHO ANIMADO)

Os escravos sendo vendidos em praça pública tendo que mostrar os dentes para seus novos donos.

CORTA PARA

INT. SENZALA, RIO DE JANEIRO - DIA (DESENHO ANIMADO)

A senzala onde estes escravos se juntam a outros de diferentes nacionalidades. Eles lutam entre si e agora começam a usar golpes com as pernas. Nasce a capoeira. Acontece uma rebelião e alguns conseguem fugir.

CORTA PARA

EXT. CIDADE, RIO DE JANEIRO - DIA (DESENHO ANIMADO)

A cidade do Rio pelos idos de 1800 onde os escravos fugidos chegam. Um dos escravos vê uma navalha numa barbearia e a furta.

CORTA PARA

EXT. PRAIA DO RIO DE JANEIRO - DIA (DESENHO ANIMADO)

O escravo, agora, melhor vestido e armado de navalha numa mão e porrete na outra junto a um bando de escravos igualmente vestidos e armados.

Congela a imagem e os personagens de desenho animado, agora, viram "personagens reais" (interpretados por atores).

SEQUÊNCIA 1-EXT. PRAIA DO RIO DE JANEIRO - DIA

Sobre a imagem aparece o ano: 1888.

O bando formado exclusivamente de negros encara o outro bando a sua frente que na sua maioria são mulatos. Ambos partem para o confronto.

Perto dali, na mesma praia, um grupo de escravos, carregando pesados cestos, chega junto as pedras, descarregando os excrementos humanos, de seu interior, no mar. Entre eles está NEGRO BANTO (negro, alto, magro, muitas listras brancas sobre o peito e as costas e coxo de uma perna). Junto aos outros ele fica assistindo a luta, do alto, nas pedras.

Os homens se enfrentam "mano a mano", alguns armados de navalhas, outros de porretes. Vemos o desenrolar de cada luta.

Um capoeira com um porrete maneja este com maestria girando-o em volta do corpo ao ponto que quase não podemos vê-lo, tal a rapidez. Seu adversário, armado com uma navalha, ginga com o corpo, mas acaba golpeado primeiro na cabeça, depois nos braços, cintura e pernas, para mais uma vez ser, agora, ser acertado na cabeça, caindo ao chão desacordado.

Um jovem mulato de dezoito anos, armado de navalha, briga com um velho negro, de mais de cinquenta anos, sem arma alguma nas mãos. Os dois gingham, até que o jovem precipitadamente, investe com a navalha, tentando acertar o rosto do velho, que abaixando-se acerta uma cabeçada frontal na cara deste, que espirrando sangue pelo nariz, cai para trás.

Enquanto isso, os dois chefes de gangue, um com um chapéu com um lenço vermelho e outro com um lenço branco no

pescoço, se enfrentam. Gingando o corpo, cada um estuda o movimento do outro, porém sem fixar o olhar, os dois procuram saber a posição do outro somente com o "rabo de olho". O de lenço branco desfere um golpe objetivando acertar a cabeça do adversário. Mas este consegue proteger-se e sair do golpe. O de lenço branco saca sua bela navalha de cabo azul fazendo o sol reluzir em sua lâmina. O outro também saca a sua, de cabo vermelho.

Os integrantes dos dois grupos param de lutar para ver a luta dos dois.

Gingando com o corpo os dois preparam seus golpes. O de vermelho aplica um golpe que o outro consegue se esquivar, e, na sequência, este consegue acertar as costas do outro.

O grupo de branco comemora o golpe certo.

O capoeira de vermelho, embora com expressão de dor, abaixado, coloca a navalha aberta entre os dedos do pé direito e inicia novamente sua ginga enquanto que o de branco parte novamente para o ataque. Agora ele aplica um golpe no adversário que joga o corpo para trás e apoiando-se nas mãos faz com as pernas um movimento de rotação, e, para, com a navalha em um dos pés, acertar a jugular do outro. Este coloca a mão ao pescoço, mas o sangue jorra manchando sua camiseta branca, de vermelho.

Um som de apitos se faz ouvir ao longe.

OS CAPOEIRAS (GRITANDO)

Os urbanos...os urbanos...

O lutador golpeado deixa cair a navalha azul, na areia, que é banhada pelas águas do mar, para depois, também desabar ao chão.

Os capoeiras de ambos os grupos esquecem as diferenças e fogem na mesma direção.

Negro Banto aproveita para descer correndo das pedras, e mesmo capengando devido a sua incapacidade física, chega ao local e pega a navalha.

NEGRO BANTO (V.O.)

Uma navalha...Boa navalha...

Ele dá um largo sorriso, fortemente iluminado pelo reflexo do sol na lâmina da navalha.

Os policiais que corriam naquela direção agora correm atrás dos capoeiras que se distanciam.

Banto volta tranqüilamente para as pedras onde estão os outros escravos.

2-EXT. COLINA DO RIO DE JANEIRO - DIA

Banto, junto com os outros carregadores, sobem a colina. Eles também têm as mesmas listras que Banto. De repente, um deles quase bate de frente com uma gorda mulher carregando uma trouxa de roupas a cabeça.

MULHER

Olha pra onde anda, ô tigre...

NEGRO BANTO (V.O.)

Rã... Tigre... Eu uma vez vi um...na minha terra... minha mãe Africa...É estranho que escravos carregadores de merda possam ser comparados a um animal tão feroz e respeitado... mas o povo gosta de nos chamar assim, por causa das marcas que aqueles cestos deixavam em nossa pele, depois de algum tempo, fazendo a gente parecer com eles.

Negro Banto chega ao alto da colina, vislumbrando a sua frente, a cidade antiga do Rio de Janeiro.

NEGRO BANTO (CONT. V.O.)

E, às vezes, só às vezes, a gente acreditava que éramos mesmo tigres.

3- EXT. FRENTE DE UMA CASA, RIO - DIA

Negro Banto bate palmas em frente à casa. Um homem aparece na janela.

NEGRO BANTO

Voismicê precisa que recolha o esgoto ?

4-INT. BANHEIRO DA CASA, RIO - DIA

Negro Banto, com uma pá pequena, termina de recolher as fezes do buraco debaixo do vaso de madeira, e recoloca este no lugar. Ele coloca as alças dos cestos nas costas e sai com este.

5-EXT. FRENTE DA CASA, RIO - DIA

O homem que acabara de contratar seus serviços paga ele com duas moedas. Ele pega uma, coloca esta no cós da calça, e com a outra, ele coça a cabeça, deixando esta no meio de seu cabelo carapinha. Ele segue seu caminho.

6-EXT. RUA, RIO DE JANEIRO - DIA

No final da rua está sendo cavado um buraco, onde estão sendo colocados os canos de esgoto. Banto pára em frente a uma pilha de canos e fica observando-os.

NEGRO BANTO (V.O.)

Cada vez menos pessoas estavam precisando do trabalho, de nós tigres. E a culpa era daqueles canos. Nas ruas em que eles entravam, os brancos já não queriam nossos serviços. Por isso, eu tinha que andar para cada vez mais longe, onde os canos ainda não tivessem chegado.

Ele continua seu caminho e ao virar a rua, dá de cara com o seu "dono", o SENHOR FAGUNDES (branco, gordo, 40 anos).

SENHOR FAGUNDES

Andava eu mesmo a sua procura.

NEGRO BANTO (V.O.)

Este era o Senhor Fagundes. O meu dono. A quem eu tinha que dar o dinheiro que ganhava com o meu trabalho.

Banto, de cara fechada, tira as moedas do cós da calça, e entrega para ele.

SENHOR FAGUNDES

Só quatro cobres ? Voismicê anda me roubando... Desse jeito nós vamos ter que desfazer o nosso trato...

NEGRO BANTO

Óia aqui seu Fagundes...O trato que nós fizemo foi eu carregá merda o dia todo e o senhor recebê por isso. Em troca o senhor me libera o resto do dia para eu fazê o que bem entendê...Se o sinhô não tá satisfeito, a gente pode desfazê o trato. Eu volto a trabaiá na sua casa e o senhor vai carregá merda... O que o senhor acha ?

Senhor Fagundes tem um acesso de tosse. Ele fala com dificuldade.

SENHOR FAGUNDES

Mas que atrevido...

Banto dá as costas para ele e de cabeça erguida segue seu caminho.

7-EXT. RUA DO RIO - DIA

Na agitada rua, Banto admira a navalha com o cabo em madre pérola azul-marinho em sua mão. As pessoas procuram se afastar dele devido ao seu mau cheiro.

NEGRO BANTO (V.O.)

Uma navalha não vai ter nenhuma utilidade para um velho tigre coxo como eu...

8-EXT. FEIRA LIVRE, RIO - DIA

Vemos uma feira livre bem movimentada com homens carregando coisas para um lado e para outro, mulheres comprando... Entramos na parte, de bancas de peixes, da feira. Homens grandes e gordos cortam estes com pesados cutelos.

NEGRO BANTO (CONT. V.O.)

...mas eu conhecia alguém que ela poderia servir...

Vemos em meio aos adolescentes e até mesmo crianças carregando peixes mais pesados que eles próprios, o jovem DOMINGUINHOS (15 anos, mulato escuro, porém de olhos azuis, roupa imunda).

CORTA PARA

Os olhos azuis de Dominginhos, iluminados pelo reflexo do sol projetado na lâmina da navalha, segurada pelas extremidades, pelo jovem.

Banto toma a navalha das mãos de Dominginho afastando-se com uma negaça de capoeira.

NEGRO BANTO

Voismicê só vai ser dono dela se mostrar que é merecedor, no teste ...

DOMINGUINHOS

Eu vou dar cabo da pele dele...o senhor vai vê...

Banto se mistura com a multidão. Dominginhos sai atrás dele, abrindo caminho facilmente devido ao seu mau cheiro. Mas não encontra mais o avô. Nos distanciamos lentamente dele.

NEGRO BANTO (V.O.)

Aquele era o meu neto Dominginhos. O único que eu encontrara dos muitos que devo ter por esse mundo. Filho da única filha que conheci, que por sua vez, era filha de uma das tantas que deitou com o escravo reprodutor que eu era. E aquele era o único fruto vivo do meu passado. E ele teria tudo que haviam me tirado nessa vida. Tudo que haviam me negado injustamente após anos de trabalho. Ele jamais aceitaria as humilhações por que passei. Jamais mostraria os dentes para ser vendido feito mercadoria. Mostraria sim os dentes, somente para cravá-los na cabeça do inimigo. Jamais seria ferido por uma lâmina e ficaria coxo como

NEGRO BANTO (CONT. V.O.)
 eu fiquei. Eu o estava preparando para nunca sentir medo. Eu o estava preparando para matar e para morrer. Para ser um homem... um capoeira...

9-EXT. RUA DO RIO - DIA

Uma correria acontece pela rua. Um negro foge de um grupo de policiais fardados armados com seus sabres. Mas acaba cercado por muitos e é preso com correntes. O vemos sendo levado.

NEGRO BANTO (V.O.)
 Mas lutar sozinho era loucura. Por isso, para se proteger da polícia e mesmo de outros capoeiras, estes se juntavam em gangues.

Vemos uma gangue de brancos e mulatos parados na escadaria de uma igreja mexendo com as pessoas que passam na rua.

NEGRO BANTO (CONT. V.O.)
 Mas as gangues pertenciam a dois grupos maiores...Guiamuns e Nagoas...Os guiamuns usavam uma cinta de cor vermelha sobre outra branca enquanto que os nagoas usavam no chapéu uma branca sobre a vermelha...

10-INT. TAVERNA, RIO - DIA

Vemos os dois grupos...um com uma fita vermelha no chapéu e o outro com roupas brancas bebendo. Um dos capoeiras com cinta vermelha pega um copo de aguardente e derrama no chão. Depois pega um copo de vinho e derrama sobre esta.

NEGRO BANTO (V.O.)
 E uma simples provocação já era suficiente...

Vemos os dois grupos partindo para o confronto com golpes de capoeira, navalha e cadeiradas.

NEGRO BANTO (CONT. V.O.)
E oportunidades para brigar não
faltavam...

11- EXT. RUAS DA LAPA, RIO - DIA

Uma banda de música passa pelo bairro. Na frente desta, os capoeiras com fitas vermelhas (guiamuns) acompanham o batalhão, fazendo firulas e negaças.

NEGRO BANTO (V.O.)
Era só um grupo entrar em
território alheio e a guerra
estava declarada.

Ao dobrar uma rua os nagoas já os esperam e, chegada a música ao local onde se acham, sai o carrapeta guiamun (garoto pequeno, esperto e atrevido) dentre os compa - nheiros com direção aos inimigos .

CARRAPETA (GRITANDO)
É a Lapa ! É a Espada!

Os dois grupos partem para o confronto. Negro Banto se encontra bem no meio. O povo que acompanhava a banda, com medo, se dispersa. Os comerciantes saem para fora para ver o que ocorre.

COMERCIANTE (GRITANDO PARA OUTROS)
Fecha! Fecha! Fecha!

Os outros fecham rapidamente as portas. Negro Banto decide pegar uma rua lateral antes do embate dos dois grupos. O acompanhamos.

12-EXT. RUA LATERAL, RIO - DIA

Um carrapeta nagoa de uns cinco anos de idade, passa em frente a Negro Banto carregando alguns pedaços de paus, usados como porretes, maiores do que ele.

NEGRO BANTO (V.O.)
Os meninos eram chamados carra-
petas. Eles eram os menores
aprendizes nas gangues. Meu neto
Dominguinho um dia fora um.

Somente um estabelecimento desta rua ficara aberto. O açougue do português ALEIXO (branco, alto e muito forte).

Ele ficara, armado com um cutelo, a vigiar a porta do estabelecimento. Negro Banto acariciava a cabeça do cão gordo e preguiçoso deitado ao lado do açougue.

NEGRO BANTO (V.O.)

Depois vinham os capoeiras amadores, os que não se alinhavam diariamente nas gangues. Era o caso de Aleixo, o açougueiro.

Um capoeira que vinha correndo pára em frente ao açougue.

CAPOEIRA

Ô Aleixo... Tá um rolo dos bons lá embaixo...Voismicê não vai entrar ?

ALEIXO

Hoje não...Vou a ficaire tomar conta do negócio...

Negro Banto desce a rua. No final desta, dois capoeiras, um guiamum elegantemente vestido, contra um escravo nagô, se enfrentam numa luta de vida ou morte.

NEGRO BANTO (V.O.)

Em seguida, vinham os capoeiras profissionais, que conviviam no interior das maltas, e praticavam abertamente a capoeira.

O capoeira com a fita branca após uma ginga tenta segurar a boca da calça do oponente, para desequilibrá-lo. O outro lhe aplica um contra-golpe acertando-lhe o queixo, jogando este longe. De novo ao solo, ele se abaixa graciosamente, pega o chapéu caído e coloca novamente este na cabeça.

13- EXT. RUA DE BAIXO, RIO - DIA

Na rua de baixo os dois chefes das maltas rivais recolhem seus capoeiras. São eles BOCA QUEIMADA (negro, 30 anos, lábios queimados) e TRINCA ESPINHA (mulato, 25 anos, magro).

NEGRO BANTO (V.O.)

Boca Queimada e Trinca Espinha eram os chefes daquelas gangues e conhecidos em toda a cidade do Rio de Janeiro.

14- EXT. LARGO SÃO FRANCISCO, RIO - DIA

Um homem velho e muito bem vestido, conversa a uma esquina, com MANDUCA DA PRAIA (pardo claro, alto, reforçado, 40 anos, barba crescida e em ponta grisalha e côr de cobre, trajando um casaco grosso e comprido). O velho lhe dá um maço de notas em dinheiro.

NEGRO BANTO (V.O.)

Mais famosos que eles só mesmo o Manduca da Praia. Muitos homens de negócio e políticos como aquele contratavam seus serviços... Essas amizades o livraram da cadeia vinte e sete vezes... por ferimentos leves e graves que respondeu e que foi absolvido.

FLASHBACK

15-INT. TRIBUNAL DE JUSTIÇA, RIO - DIA

Vemos Manduca recebendo o cumprimento de vários figurões por mais uma absolvição. (REF. 1 - ESTA CENA SERÁ USADA NOVAMENTE MAIS A FRENTE).

16-EXT. FRENTE A UMA CHAPELARIA, RIO - FINAL DE TARDE

Banto pára em frente a uma loja de chapéus. Um casal de brancos, que estava parado ali a olhar, sai de perto, com a mão no nariz, reclamando do cheiro dele.

Ele olha um chapéu em especial : de palha, com uma fita, ele está exposto em lugar de destaque.

NEGRO BANTO (V.O.)

Por isso eu preparara meu neto para se tornar um profissional da capoeira. Só através da força ele conseguiria o respeito da -
quelas pessoas.

17-INT CHAPELARIA, RIO - FINAL DE TARDE

O dono da chapelaria, o SENHOR BRANDÃO (um velho que estranhamente, por sua profissão, não usa chapéu), olha o escravo do lado de fora e comenta com o seu empregado.

SENHOR BRANDÃO

Todo o dia esse escravo pára aí em frente e fica a namorar esse chapéu...todo o dia... além de não comprar ainda fica constrangendo os fregueses que não páram em frente a loja para não ficar do lado dele...Qualquer hora ou eu vou dar um passa-fora nele ou vou por acabar dando-lhe o chapéu...pelo menos o prejuízo vai me sair menor...

18-EXT. CAMPO DE SANTANA, RIO - NOITE

Negro Banto chega até o campo e vai em direção a luz de tochas, onde estão reunidos, em roda, uma turma de capoeiras, no centro deste campo.

E, no centro da roda, está MANUEL PRETO (negro, alto, magro, 30 anos), falando para os meninos aprendizes de capoeiras.

MANUEL PRETO

Capoeira bom só anda pelo meio da rua pra em caso de um ataque ele ter espaço pra negacear e atacar de volta...

Quando ele fala "negacear", ele faz a ginga de pernas característica da capoeira, e que se chama negaça.

MANUEL PRETO (CONT.)

Capoeira bom jamais foge da pegada...e pelo menos aqui, se fugir, eu mesmo dou cabo dele...

Ele diz isso retirando uma faca da cintura e fazendo movimentos de ataque com esta. Ele pára em frente de Negro Banto com a faca como a desafiar este. Olhando para ele, ele fala.

MANUEL PRETO (CONT.)

Capoeira bom é treinado por capoeira de nome, de respeito...e para pertencer a cadeira da senhora tem que ser bom...

Negro Banto se dirige ao centro da roda.

NEGRO BANTO

E eu que sempre achei que quem fazia o nome era o próprio capoeira... o meu neto por exemplo...há anos participa de todas as pegadas ao lado dos profissionais da senhora da cadeia...mas nunca foi chamado teste...

MANUEL PRETO

Se ele faz parte desse grupo, onde ele está agora ? Porque não está aqui treinando junto com os outros ?

NEGRO BANTO

Só quem treina meu neto sou eu...

MANUEL PRETO

Todos que entraram para a cadeia da senhora foram treinados por capoeiras daqui ... Porque com o Dominginho seria diferente ?

NEGRO BANTO

Porque ele é diferente.

Um capoeira conhecido como BIGODE DE SEDA (mulato, de bigode bem cuidado, 20 anos) intervém na conversa.

BIGODE DE SEDA

Diferente ? Por acaso ele luta mancando, que nem voismicê?

Este faz uma negaça arrastando a perna como um manco. Os outros capoeiras dão uma sonora gargalhada.

NEGRO BANTO

Isso voismicê pode tirar a prova com ele...a hora que quisé...Meu neto tem um pé que nunca melou saque e aposto que ele é mió que qualquer um dentro desse terreiro...

BIGODE DE SEDA
Cuidado, que voismicê podi perdê
a aposta...

MANUEL PRETO
A aposta e o neto...

Negro Banto olha agora com firmeza para Manuel Preto.

NEGRO BANTO
Se aparecê um gavião preto,
daqueles maiores que ele, com
sede de sangue, eu o ensinei
diretinho o que fazer...

Os capoeiras e os aprendizes olham para Manuel Preto esperando uma atitude deste. Manuel Preto faz um aceno para Bigode de Seda.

MANUEL PRETO
Bigode de Seda... preparado para
dar cabo da pele do neto desse
daí, hoje a noite, antes do sol
nascer ?

BIGODE DE SEDA
Eu já nasci preparado...

MANUEL PRETO (PARA BANTO)
Tudo acertado ?

Banto balança a cabeça afirmativamente.

NEGRO BANTO
E depois da luta ?

MANUEL PRETO
Se Dominginho vencer ele será
batizado como todos os capoeiras
daqui foram... o véio já tem um
chapéu novo pro batismo ?

NEGRO BANTO
Ora sebo! E você acha, que lá,
eu sou algum pedaço de asno pra
já não ter comprado um ? Agora,
me diga lá, onde vai ser ?

MANUEL PRETO

Na praça XV... hoje, depois que a coruja piar... acho que não vai ter meganha lá...

NEGRO BANTO

Então já vou despachar o beco...

Diz Negro Banto saindo de costas. Ele sorri para Bigode de Seda e Manuel Preto.

19-EXT. RUAS DO RIO - NOITE

Banto anda o mais rápido que pode.

NEGRO BANTO (V.O.)

Eu sabia que o Manuel Preto não ia fazer o teste com meu neto nunca, a não ser que se visse desafiado daquela forma. E também sabia que esse Bigode de Seda era um assassino. Mas foi para isso que eu preparara meu neto. E aquele seria seu grande teste. O único problema é que eu era mesmo um pedaço de asno e não tinha comprado o chapéu ainda.

20-EXT. FRENTE DA CHAPELARIA, RIO - NOITE

Banto está parado em frente da chapelaria. Ela está fechada. Na parte de cima desta, uma janela está entre-aberta.

NEGRO BANTO (GRITANDO)

Senhor Brandão...Senhor
Brandão...Chapeleiro...

Os cachorros da rua começam a latir.

NEGRO BANTO (MAIS ALTO AINDA)

Senhor Brandão...

Uma luz fraca é acesa dentro do quarto. Senhor Brandão abre a porta que fica na lateral do prédio e, de pijama, iluminando o caminho com um lampião, desce as escadas.

SENHOR BRANDÃO
Quem morreu ?

NEGRO BANTO
Ninguém morreu...

SENHOR BRANDÃO (SOBE O TOM)
Como ninguém morreu ? Então o
que você faz, a essa hora, a
gritar na minha janela, escravo ?

NEGRO BANTO
Quero comprar um chapéu...

SENHOR BRANDÃO
O quê ? Voismicê tá de pilhéria
comigo ? Voismicê não sabe a
hora que fechamos ?

NEGRO BANTO
É um caso de muito necessita-
mento...

O Senhor Brandão põe a mão no queixo e pensativo faz uma longa pausa.

SENHOR BRANDÃO
Se eu lhe vender o chapéu você
promete que nunca mais volta
aqui ?

NEGRO BANTO (SORRINDO)
O senhor pode deixar que eu
nunca mais mostro os dentes
aqui.

Senhor Brandão olha sério, por cima dos óculos, para Negro Banto, que sorri, mostrando todos os dentes.

CORTA PARA

21-INT. CHAPELARIA, RIO - NOITE

Senhor Brandão acende as luzes enquanto fala para Negro Banto, que distraído, toca com a ponta dos dedos um lenço de seda azul.

SENHOR BRANDÃO
Então, o que vai ser ?

Negro Banto volta a realidade.

NEGRO BANTO
Onde está aquele chapéu que fica
exposto na vitrine ?

O Senhor Brandão sobe na escada e vai buscar na última prateleira do canto uma caixa preta.

Enquanto isso, Negro Banto puxa para frente de um espelho, um manequim sem cabeça, vestindo um terno branco. Ele se coloca atrás deste e a imagem refletida no espelho é como se ele estivesse vestindo o fraque.

O Senhor Brandão chega do lado de Banto com a caixa de chapéu aberta, com este dentro. O escravo pega esse de dentro da caixa e coloca este na cabeça. Ele arruma este até que ele fique de banda, como usam os capoeiras.

NEGRO BANTO
Qual o preço ?

SENHOR BRANDÃO
O chapéu... são cinco cobses.

NEGRO BANTO
Qual o preço de tudo ?

SENHOR BRANDÃO
São trinta cobses.

O comerciante olha desconfiado para ele.

SENHOR BRANDÃO (CONT.)
Mas o senhor tem dinheiro para
tudo ?

Banto coloca o chapéu no balcão, depois a mão na cabeça e do cabelo ele tira uma moeda. Depois outra, e mais outra, mais outra e mais outra.

CORTA PARA

A sua mão cheia de moedas. Ele coloca todas em cima do balcão. O Senhor Brandão está surpreso com a quantidade de moedas.

CORTA PARA

Negro Banto saindo da loja com um grande embrulho.

22-EXT. RUA DO RIO - NOITE

Negro Banto anda rapidamente pela rua e entra num cortiço com uma grande cabeça de porco sobre o portão da entrada.

23-INT. CORTIÇO, RIO - NOITE

Visualizamos um grande casarão com dezenas de cômodos de pequenas proporções divididos por biombos de madeira, alguns com pequenas cozinhas instaladas do lado de fora, para que os cômodos do fundo pudessem também ser alugados como quartos. No corredor circulam escravos alforriados, mulatos, portugueses, italianos...

Negro Banto se aproxima de um mulato.

NEGRO BANTO
Você viu o Dominginhos ?

MULATO
Está no banheiro.

Negro Banto segue apressadamente para lá.

24-INT. BANHEIRO DO CORTIÇO, RIO - NOITE

No banheiro, uma singularidade. As latrinas, doze, com bancos de cimento, corridos e sem nenhuma divisória. Quase todos estão ocupados por homens sentados nestes com as calças arriadas. Muitos conversam o que torna o ambiente "sociável". Sentado num dos vasos está Dominginho. Ele está prisão de ventre e faz uma grande força para o que está preso sair.

Negro Banto pára em frente a ele e fala com um largo sorriso estampado na cara.

NEGRO BANTO
Consegui o seu teste.

Dominginhos abre os seus grandes olhos azuis e ouvimos um grande peido seguido de vários outros ruídos desagradáveis.

Os outros, que conversavam, param a conversa e ficam em silêncio a olhar para Dominginho. Em (PG) enquadrámos todos os personagens da cena.

CORTA PARA

25-INT. QUARTO DO CORTIÇO, RIO - NOITE

Banto e o neto entram apressadamente no quarto pequeno e modesto.

NEGRO BANTO
Precisamos nos apressar...

Dominguinhos tira sua roupa e pega outra num caixote no canto do quarto.

NEGRO BANTO
Não, Dominguinhos...hoje voismicê não vai vestir esses trapos...

Banto abre o embrulho,retira o terno branco, a camisa e os sapatos e entrega para ele.

NEGRO BANTO (CONT.)
...hoje, voismicê vai se vesti que nem gente...

Dominguinhos veste a calça, que o avô dobra a bainha, a camisa, o terno (que Banto também dobra) e por último, os sapatos (o qual ele enchera de areia no bico, para caber o pé do neto). Dominguinho caminha gingando pelo quarto.

Banto faz uma saudação a ele como a um rei.

NEGRO BANTO
Mulato frajola...

Dominguinho devolve a saudação e o elogio.

DOMINGUINHOS
Negro presença.

Os dois saem abraçados. Atrás deles um rastro de areia.

26-EXT. PRAÇA XV, RIO - NOITE

Na praça deserta e escura vemos um vulto de um homem cruzar esta. Depois vemos outro. Um terceiro passa gritando. Logo uma turma toma a rua. Manuel Preto aparece das sombras vestido em seu longo casaco preto. Depois aparecem do outro lado Negro Banto e Dominguinho. Os outros integrantes vêm agora à luz totalizando mais de vinte capoeiras.

MANUEL PRETO

Hoje é um grande dia para
nóis... porque hoje nós vamo
sabê se o garoto Dominginho,
neto de Negro Banto, tem mesmo
sangue nas veia pra se tornar
um profissional e honrar a
nossa gangue...

Manuel Preto faz um gesto para Bigode de Seda se apresentar para a luta.

Num canto Negro Banto conversa com Dominginhos.

NEGRO BANTO

Usa o que eu te ensinei e não
esquece que você tem sangue
banto nas veias.

DOMINGUINHOS

Pode deixar vô Banto... vou dar
um par de cocadas nesse cara de
nabo...

Dominginho vai para o centro do largo onde já está Bigode de Seda. Os dois fazem um cumprimento de capoeira.

Inicia-se a luta. Os dois fazem negaças, mas é Bigode de Seda quem parte primeiro para o ataque. Ele tenta aplicar um golpe na cara de Dominginho, mas este com uma rápida esquivada e escorando o pé sobre a barriga do adversário empurra este.

NEGRO BANTO (VOZ BAIXA)

O escorão.

Dominginho ataca Bigode de Seda com uma rasteira que este defende-se dando um pulo no ar. Mas Dominginho rapidamente coloca-se embaixo deste e com a perna lateralmente flexionada desequilibra o adversário no alto fazendo este despencar ao chão.

NEGRO BANTO (VOZ BAIXA)

O tombo da ladeira.

Dominginho dá um salto mortal para trás comemorando.

Bigode de Seda se levanta. Os dois reiniciam suas negaças. Bigode de Seda tenta acertar uma bolacha no ouvido

de Dominginhos, mas que ao rolar no chão, sem querer, levanta o pé bem próximo dos olhos de Bigode de Seda, largando a areia do sapato bem nos olhos deste.

Banto percebendo que o outro está temporariamente fora de combate, tentando tirar a areia dos olhos, e avisa o neto.

NEGRO BANTO

Agora Dominginhos... agora...

Dominginhos faz uma negaça para trás, e investe contra ele, com um salto, distendendo as duas pernas contra o peito do adversário, para depois de acertar este, cair graciosamente ao chão, apoiando-se sobre as mãos.

NEGRO BANTO (VOZ BAIXA)

O vôo do morcego...

Bigode de Seda cai inerte ao chão. Os outros vão olhá-lo. Seus olhos abertos revelam que ele está morto.

Manuel Preto cumprimenta Dominginhos pela façanha de ter derrotado Bigode de Seda. Manuel Preto, que nem dera atenção ao que morrera, fala para o grupo.

MANUEL PRETO

O primeiro teste ele passou...agora vem o segundo... pra ver se esse moleque é homi mesmo...

NEGRO BANTO

Meu neto não tem medo de nada.

MANUEL PRETO

Quero ver ele dizer isso lá em cima da torre da Igreja...

Diz ele apontando pra torre da igreja de frente para a praça.

Um capoeira que está próximo do corpo de Bigode de Seda chama Manuel Preto.

CAPOEIRA

E o Bigode de Seda ? O que a gente faz com ele ?

MANUEL PRETO

Deixa esse traste aí mesmo, que
amanhã os meganhas dão um
jeito... cair na esparrela de
um aprendiz...que pedaço de
asno...

O grupo caminha em direção a igreja.

27-EXT. FRENTE A TORRE DA IGREJA, RIO - NOITE

O dia começa a amanhecer, mas o sol não apareceu ainda.

Junto à torre da igreja, vemos vultos que começam a
escalá-la.

Negro Banto bate em uma porta nos fundos da Igreja.
Um jovem coroinha, com roupas modestas, vem atender.

NEGRO BANTO

Voismicê precisa de serviço de
esgoto ?

Negro Banto olha para as botas sujas de estrume do jovem.

NEGRO BANTO (CONT.)

Acho que precisa...

COROINHA

Não temos dinheiro...

NEGRO BANTO

Quem falou em dinheiro ?

28-INT. TORRE DA IGREJA, RIO - NOITE

Negro Banto sobe pela sinuosa escada que conduz a torre.
O jovem coroinha fecha a porta atrás deste.

29-EXT. TORRE DA IGREJA, RIO - AMANHECENDO

Os primeiros raios de sol aparecem, iluminando a torre da
igreja e uma pequena turma de capoeiras equilibrados ao
redor do sino.

Ao fundo vemos a cidade do Rio de Janeiro, o mar e as
montanhas formando uma paisagem maravilhosa.

Negro Banto, dentro da torre, mas um pouco abaixo de onde
estão os outros, é ajudado a subir até ali.

MANUEL PRETO

Aqui estão, hoje, os capoeiras que foram testemunhas da prova de coragem do jovem Domingos, conhecido como Dominginhos. Voismicê está pronto para prestar o juramento de capoeira à cadeira da senhora ?

DOMINGINHOS

Pronto.

Manuel Preto tira sua navalha vermelha do bolso e pende esta sobre a cabeça de Dominginhos.

Todos repetem em uníssimo o juramento.

MANUEL PRETO

Juro, aqui, sobre a casa de Deus defender o grupo e honrar este como honraria pai e mãe. Juro, aqui, sobre a casa de Deus defender nosso território contra os malfeitores, a polícia e as gangues rivais. Juro, aqui, sobre a casa de Deus seguir as ordens do chefe do grupo.

Juro, aqui, sobre a casa de Deus ensinar a nossa luta aos mais novos e trazê-los para o grupo, Juro, aqui, sobre a casa de Deus ajudar outro capoeira do grupo que esteja em dificuldades.

Juro, aqui, sobre a casa de Deus nunca fugir de um combate, mesmo que isto custe minha vida.

Juro, aqui, sobre a casa de Deus fazer deste grupo minha nova família e respeitá-los como tal. Perante Deus pedimos proteção ao mais novo capoeira do bando de Santana, conhecido como Cadeira da Senhora, que agora passará a se chamar Dominginhos da Sé.

Todos tiram o crucifixo que trazem sob a camisa para fora e o beijam.

Negro Banto, com lágrimas nos olhos, tira do bolso e a entrega a Dominginho. Ele admira esta antes de dobrá-la e colocá-la no bolso.

Manuel preto aponta para o sino.

MANUEL PRETO

Agora é com você ...Ele é todo seu...

Dominginho sobe no sino e com a impulsão do próprio corpo começa a fazer este balançar. Acontece o primeiro badalo.

30-EXT. CASA PRÓXIMA, RIO - DIA

Uma anciã abre a janela com o rosário em mãos.

31-EXT. TORRE DA IGREJA, RIO - DIA

Acontece o segundo badalo. A navalha que está em seu bolso sai um pouco para fora deste.

Agora, vemos do alto, Dominginho a badalar o sino, com a cidade do Rio de Janeiro com todas as suas belezas naturais ao fundo.

Lá embaixo, os fiéis começam a chegar para a missa.

O sino ganha mais impulso. A navalha sai a metade para fora agora. Dominginho grita de alegria. Mais um badalo do sino e finalmente a navalha voa do bolso de Dominginho.

A vemos caindo e seguimos seu percurso. Ela se dirige a uma janela de uma casa.

32-INT. LOJA DE TECIDOS, RIO DE JANEIRO - DIA

Duas meninas brancas, bem vestidas, com idade por volta de dez anos, disputam um metro de renda, cada uma puxando de um lado.

DONA ISAURA, (branca, por volta de trinta anos) a mãe das meninas, fala nervosa para SEU MOUSSAD, o dono da loja de tecidos (branco, libanês, 60 anos, careca), que auxiliado por seu filho TUFFIC (30 anos, pele vermelha em razão do sol, baixo) toma conta da loja.

DONA ISAURA

...então seu Moussad, eu tive
que pedir para o senhor abrir
mais cedo, porque eu tenho
precisão de aprontar esse
vestido para hoje mesmo...

MOUSSAD

...non tem...como se fala,
Tuffic ?

TUFFIC

Problema, papai...problema...

De repente a navalha, que caíra do bolso de Dominginhos, irrompe pela janela cortando a renda no meio, de ponta a ponta, fazendo com que as garotas caíam uma para cada lado. A navalha continua seu trajeto, terminando este, cravada de ponta, no chão, no meio da pequena alfaiataria.

Tuffic, do outro lado do balcão, vê a navalha ali, com os primeiros raios de sol a reluzir em sua lâmina. Ele sai de trás do balcão e tira esta do chão. Ele olha espantado para a janela, sem entender como ela pôde parar ali.

DONA ISAURA

Esses bandidos...ficam a atirar
coisas pela janela dos outros
sem se importar quem vai
atingir...

Ela vai ajudar as filhas a se levantar e se limpar.

TUFFIC

Mas como isso veio parar aqui ?

Tuffic guarda a navalha no bolso.

DONA ISAURA

...olha só...agora se sujaram...

MOUSSAD

E então, qual o tecido que a
senhora vai escolher ?

DONA ISAURA

Ah...o tecido...deixe-me ver...

Ela volta novamente para olhar estes.

MOUSSAD

Tuffic...as encomendas Tuffic...

Tuffic corre para pegar a lista de encomendas e separar os tecidos para esta.

33-EXT. RUA DO ATUAL BAIRRO SAARA, RIO - DIA

Tuffic sai da loja carregando vários pacotes, sendo acompanhado por dezenas de outros mascates, saindo das lojas cada qual com seus pacotes.

TUFFIC (V.O.)

Eu gostava de fazer as entregas de tecidos. Papai falava que trabalhar na rua estava no nosso sangue. Era verdade. Fôra assim que ele começara. Assim como aqueles homens, vendendo de porta em porta...

Um homem o pára.

HOMEM

Ô rapaz, é aqui que fica a rua dos turcos ?

Tuffic o olha com raiva.

TUFFIC

É assim que o pessoal de fora chama aqui, sim...

O homem agradece levantando discretamente o chapéu.

TUFFIC (V.O.)

Assim como Tuffic a maioria dos que moravam naquela rua eram libaneses e se tinha coisa que os libaneses mais odiavam era serem chamados de turcos...

Numa esquina que Tuffic passa, vemos a sua esquerda uma rua comprida, onde no final desta vemos o estaleiro, com um navio ancorado. Muitas pessoas vindas de lá passam por Tuffic carregando seus pertences em trouxas.

TUFFIC (V.O.)

Muitos ainda chegavam... e se fosse árabe, era só procurar outro árabe, que na rua aquele homem ou família não iria dormir...

Vemos dois irmãos sendo recebidos por dois comerciantes vizinhos, hospedando cada um em sua casa.

Tuffic segue seu caminho.

34-EXT. RUA DO OUVIDOR, RIO - DIA

Uma tabuleta indica que entramos na Rua do Ouvidor. Vemos circular homens e mulheres vestindo roupas elegantes a passear ou olhar as vitrines das lojas.

TUFFIC (V.O.)

Se para alguns a rua onde eu morava fazia parte da Arábia, para muitos outros a rua onde eu estava agora, era a própria Europa. Ali italianos, portugueses, espanhóis, e principalmente franceses, montaram suas lojas, vendendo as roupas que eles vestiam lá, a um preço que poucos podiam pagar aqui. Mas quem não podia pagar, que era a maioria, comprava os tecidos de nós, árabes, e mandava fazer nas muitas alfaiatarias e costureiras espalhados pelos arredores.

Tuffic entrega um pacote de tecido num pequeno comércio, localizado ao lado de uma grande loja.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Mas a rua do Ouvidor não era só comércio... ela era também uma grande passarela. Muitos iam ali só para desfilar suas roupas novas...

Vemos passar várias moças e senhoras vestidas elegantemente.

TUFFIC (CONT. V.O.)

As senhoras metidas em suas saias compridas feitas de Surah... faille... chamelote ...tafetá... e o merino...

Enquadramos as saias feitas desses diferentes tipos de tecidos.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Por ali passavam deputados, banqueiros, corretores, altos funcionários públicos, altas patentes do exército e da Marinha, jornalistas, literatos, atores... enfim, toda a alta sociedade carioca... Eram ali também que se encontravam as principais lojas onde se vendiam os produtos vindos da Europa...

Enquadramos as lojas com suas vitrines cheias de fraques, sobretudos, cartolas, vestidos, sombrinhas...

TUFFIC (CONT. V.O.)

...e que nenhum cavalheiro ou dama de respeito poderiam prescindir destes. Era o sonho de todo comerciante ter uma loja naquela rua. E eu não era diferente.

Enquadramos (PD) os olhos de Tuffic e refletidos nestes vemos uma loja com a vitrine repleta de tecidos e um letreiro grande, com o nome, Tecidos Tuffic. Tuffic volta à realidade e entra numa pequena porta localizada ao lado da grande loja.

35-INT. ALFAIATARIA, RIO - DIA

O alfaiate está ocupado fazendo a roupa para um homem velho e gordo que veste um pesado sobretudo preto. O sol penetra pela vitrine incidindo sobre ele. Gotas de suor se formam em sua testa e começam a cair-lhe pela face. Ele tira um lenço do bolso e seca o suor.

TUFFIC (V.O.)

Mas não era fácil para aquelas pessoas ser civilizadas... Um cavalheiro tinha que vestir de dia numerosas peças de roupa de lã por cima de outras de algodão ou linho. Geralmente se usava fraque azul ou preto, culote na altura do joelho, colado à pelo, sobre as calças de lã.

Um homem veste as calças de lã e o culote, enquanto examina o fraque.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Os coletes eram de regra, e assim como o que se usava nas pernas, eram mais claros, e menos pesados que os casados.

O mesmo homem veste um colete claro.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Ocasões menos formais, esportivas, podiam permitir o uso de uma pesada manta de lã, tweed ou outro tecido de lã, de cor clara.

Enquadramos o homem vestindo essas peças de roupa.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Sob estas duas camadas de lã, iam as ceroulas longas, de algodão ou linho, e a camisa com o colarinho atado, alto, branco, de pontas viradas, engomado e firmemente amarrado por um dos ancestrais da gravata de laço ou borboleta.

Agora o homem veste as ceroulas, a camisa e a gravata.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Os pés eram calçados por sapatos abotoados até o alto, e as mãos enfiadas em luvas delicadas e impecáveis.

Ele calça os sapatos e coloca as luvas.

TUFFIC (CONT. V.O.)
 Coroando tudo isso deveria estar
 a cartola.

O vemos colocar por último a cartola.

Tuffic entrega a encomenda, recebe o dinheiro, e sai da alfaiataria.

36-EXT. RUA DOS ALFAIATES, RIO - DIA

Ele atravessa a rua e entra numa loja da frente frequen-
 tada somente por mulheres.

37-INT. LOJA , RIO - DIA

Tuffic mostra o tecido para a costureira.

TUFFIC (CONT. V.O.)
 Mas as mulheres de classe também
 pagavam o preço da civilização.
 Apertadas em espartilhos...

Vemos uma mulher mais velha apertando o espartilho de uma
 mais nova até esta perder o fôlego.

TUFFIC (CONT. V.O.)
 ...até perder o fôlego...
 As senhoras vestem saias com-
 pridas, amplas, cheias de sub-
 saias, mostram cinturinhas de
 marimbondo... ressaltadas por
 espartilhos ... Todas de cabelos
 longos, enrodilhados no alto da
 cabeça e sobre os quais equili-
 bra-se um chapéu ... usam boti-
 nas de cano alto, o infalível
 leque de seda ou gaze na mão,
 sempre muito bem enluvada.

38-EXT. RUA DO RIO - DIA

A mulher sai elegantemente vestida e encontra com o homem
 que lhe estende o braço e saem como que desfilando.

TUFFIC (V.O.)

...tudo isto para ser diferente
daquele povo rude e ignorante
que não sabia o valor da civili-
zação.

Vemos o casal ,com altivez e desprezo, passar por um grupo de negros seminus e de mulheres com roupas degotadas a trabalhar alegremente sobre o sol. O casal prossegue seu trajeto, com o suor a imundar-lhe as faces e a gotejar sobre a roupa já molhada.

39-EXT. OUTRA RUA, RIO - DIA

Na esquina desta, vemos uma mulher com um vestido feito de chita, vendendo palitos de fósforos.

MULHER

Olha o fósfi...olha o fósfi...

TUFFIC (V.O.)

Mas eu não vendia somente para os ricos...

Tuffic mostra o tecido, chamado chita, para a chinesa.

TUFFIC (CONT. V.O)

Para os pobres eu vendia a chita para fazer vestidos... a Kasha para fazer camisas... o cotelê para casacos...

Dois escravos compram a kasha e o cotelê.

TUFFIC (CONT. V.O.)

...e um tecido novo inventado por um tal de Levistrauss, usado para fazer calças...

Por último, Tuffic tira de um embrulho, um jeans um pouco mais rústico do que usado agora e entrega para um português vendedor de frutas fazer sua calça.

Só sobrara um embrulho, que Tuffic saindo daquele centro comercial vai entregar.

40-EXT. LOJA DE DONA FERNANDA, RIO - DIA

Tuffic pára em frente a loja. Ele observa no interior desta, DONA FERNANDA (branca, 35 anos, magra, baixa, vestindo preto dos pés a cabeça). Ela, no balcão da loja, atende uma freguesa.

TUFFIC (V.O.)

Mas, não existia lugar que Tuffic mais gostasse de ir entregar tecidos que o loja de Dona Fernanda. E o motivo era Dona Fernanda.

41-INT. LOJA DE DONA FERNANDA, RIO - DIA

A freguesa despede-se da costureira, deixando esta livre para Tuffic, que entra na loja.

TUFFIC (V.O.)

Dona Fernanda era viúva de um alfaiate, que ao morrer, deixou-lhe o negócio. Sem entender de roupa para homem, mas entendendo muito de roupa para mulher, ela só mudou o sexo da freguesia...

Dona Fernanda tira as medidas de uma freguesa.

TUFFIC (CONT. V.O.)

Ao perder o marido, ela jurou não tirar mais o preto, e assim ficar eternamente de luto... Isso não interessar a Tuffic...

Tuffic chega até ao balcão com as encomendas.

TUFFIC

Trouxe suas encomendas, Dona Fernanda.

DONA FERNANDA

Eu o estava esperando mesmo...

Os dois se olham.

DONA FERNANDA (CONT.)

...esperando a encomenda.

Tuffic pega em sua mão.

TUFFIC

Dona Fernanda... tira o luto.
Tuffic querer casar com Dona
Fernanda.

DONA FERNANDA

Não... nunca mais tiro o luto.

Ela pega o tecido e vai para os fundos da loja. Tuffic a segue.

A loja fica vazia. Uma freguesa entra, procura alguém para atendê-la, não encontra e vai embora.

CORTA PARA

42-INT. FUNDOS DA LOJA, RIO - DIA

Num cômodo pequeno, cheio de tecidos, e próximo a uma máquina de costura, Dona Fernanda e Tuffic transam de pé encostados a uma parede. Ela está com o vestido parcialmente levantado e ele sem calças.

TUFFIC

Muito antes de Dona Fernanda en-
viuvar, Tuffic já tinha interes-
se por sua pessoa...

DONA FERNANDA

Não pára...

TUFFIC

A tradição manda homem libanês
casar com mulher libanesa...
mas cadê mulher libanesa ? Só
no Líbano...

DONA FERNANDA

Não pára...

TUFFIC

E, Tuffic, não aguenta mais ser
homem sozinho...

Dona Fernanda coloca as duas mãos na boca de Tuffic. Ela goza agarrando mais o corpo do libanês. Este também goza.

CORTA PARA

43-INT. LOJA DE DONA FERNANDA, RIO - DIA

Dona Fernanda aparece na frente da loja ajeitando o cabelo. Três freguesas esperam por ela. O libanês aparece a seguir, todo suado, ajeitando a camisa.

DONA FERNANDA

E então, senhor Tuffic... esse é todo o tecido que encomendei ?

TUFFIC

Sim, Dona Fernanda... e pra próxima semana ? A senhora vai querer ?

DONA FERNANDA

Vamos ver... senhor Tuffic... vamos ver...

Tuffic pega o único pacote de tecidos que restou e lhe pisca um olho. Ela se faz de desentendida. Tuffic cumprimenta as freguesas e sai de queixo erguido da loja.

44-EXT. RUA DOS BARBONOS, RIO - DIA

Tuffic pega no bolso um papel, lê este, olha para a placa afixada numa casa de esquina que indica : Rua dos Barbonos. Ele prossegue pela rua até chegar a uma casa suntuosa. A frente desta, ele bate palmas. Um empregado vêm atendê-lo.

TUFFIC

Eu trago uma encomenda para o senhor JUCA REIS.

O empregado respira fundo e faz um gesto para Tuffic entrar.

45-INT. CASA DE JUCA REIS, RIO - DIA

Uma casa suntuosa e lindamente decorada no estilo clássico. Ouvimos risadas de homens e mulheres vindos da biblioteca. Tuffic é conduzido pelo criado até lá.

46-INT. BIBLIOTECA DA CASA, RIO - DIA

Uma turma de jovens se diverte, com várias prostitutas, vestidas somente com espartilhos.

No centro, sobre um sofá, Juca Reis (25 anos, alto, forte, louro, olhos verdes) visivelmente bêbado, bate na bunda de uma delas, que chora.

CRIADO

Senhor Juca Reis... Senhor Juca Reis...

Finalmente ele pára de espancar a jovem e olha para trás.

CRIADO (CONT.)

O tecido que o senhor encomendou chegou...

Pára a algazarra de seus amigos para ver o que está acontecendo.

Juca Reis levanta-se e puxando a mulher, que a pouco espancava, pelo braço, coloca esta de frente para o libanês. O português abraça Tuffic como se fossem velhos amigos.

JUCA REIS

Quero que voismicê faça um vestido bonito para essa puta...

TUFFIC

Acho que acontece algum engano senhor... eu não faço vestidos... eu só vendo os tecidos...

JUCA REIS

Mentiroso... Sabe quem eu sou ? Eu sou filho de um Conde... e voismicê é um alfaiate mentiroso.

TUFFIC

Eu não sou alfaiate senhor... eu sou vendedor de tecidos...

Juca Reis pega o embrulho das mãos de Tuffic, rasga este, revelando um veludo vermelho que ele pega e desajeitadamente enrola o corpo trêmulo da jovem.

A seguir ele tira uma navalha do bolso e com uma ginga lenta de capoeira, trocando as pernas de tão bêbado, começa a cercar a jovem.

JUCA REIS

Então eu vou ser o alfaiate
hoje.

Ele faz um movimento com a navalha procurando acertar o tecido no corpo da jovem, mas só acertando o ar.

De volta a perna de apoio, ele investe novamente contra ela, mas dessa vez contra o seu rosto.

Mas a trajetória de seu braço é interrompida pela mão de Tuffic que com a outra mão tira a sua navalha do bolso.

Os amigos de Juca sacam suas navalhas formando uma roda em torno dos três.

Tuffic levanta a navalha no alto e abaixa esta na direção contrária a Juca, fazendo um corte no tecido, na lateral da perna da jovem, porém sem atingir a pele desta. Com golpes precisos de navalha ele começa a cortar o tecido dando a este a aparência de um vestido.

JUCA REIS

Não falei que ele era um
mentiroso...

As outras prostitutas em torno da jovem admiram o seu vestido.

Juca abraça novamente Tuffic.

JUCA REIS (CONT.)

Acho que tenho que pagar... ele
apalpa os bolsos...mas estou
desprevenido no momento...

Os amigos de Juca riem discretamente.

TUFFIC

Mas Moussad teve gasto com
tecido...esse tecido é muito
caro...

JUCA REIS

Vamos fazer o seguinte...meu pai
chega hoje de viagem e eu vou
lhe pedir algum dinheiro...e
então sexta...voismicê me en-
contra no Largo da Carioca, lá

JUCA REIS (CONT.)
pelas dez da manhã, que eu lhe
pago...

Enquanto falava ele levava o Libanês até a porta da biblioteca.

JUCA REIS (CONT.)
Estamos combinados, pois...

Ele fecha a porta da biblioteca. Uma explosão de risadas irrompe dentro desta.

TUFFIC (V.O.)
Não... Tuffic nunca sonhara em
ser alfaiate... muito menos um
bobo...

Tuffic sai da casa de cabeça baixa.

47-INT. LOJA DE TECIDOS, RIO - ANOITECENDO

CLOSE do rosto de seu pai.

MOUSSAD
Como não pagou ? Se tecido sai,
dinheiro volta...

TUFFIC
Ele falou que paga sexta...

MOUSSAD
Se Tuffic quer um dia ter sua
própria loja, Tuffic ser mais
esperto...

Moussad sobe as escadas enquanto Tuffic fecha a loja.

MOUSSAD
Não se engana um libanês...

Ele sobe mais um lance de escadas.

MOUSSAD (CONT.)
Não se engana um libanês...

Ele sobe o restante repetindo a mesma frase baixinho.

48-EXT. LADEIRA DA PENHA, RIO - DIA

Uma procissão católica sobe a ladeira da penha. Centenas de pessoas seguem a estátua de Nossa Senhora da Penha, carregada por oito homens. Mais atrás junto a algumas mulheres de preto, está Dona Fernanda. Próximo dela, carregando uma vela gigante, está Tuffic.

Um grupo de jovens capoeiras vai a frente da procissão fazendo algazarra.

Tuffic vai se aproximando aos poucos de Dona Fernanda.

TUFFIC (TOM BAIXO)
Dona Fernanda...

Ela finge não escutá-lo.

TUFFIC (TOM MAIS ALTO)
Dona Fernanda...

Ele, por fim, atravessa entre as outras mulheres, para ficar ao lado de sua amada.

TUFFIC
Dona Fernanda...

DONA FERNANDA
Ora, sebo...

TUFFIC
Tuffic precisa falar com
senhora...

Ela sorri amarelo para as outras mulheres.

DONA FERNANDA
Sobre as encomendas... passe...

TUFFIC
Não é sobre tecidos não... Tuffic quer falar sobre situação de libanês mais Dona Fernanda...

DONA FERNANDA
Ainda estou pensando na sua proposta... Amanhã lhe dou a resposta...

TUFFIC

Mas Dona Fernanda tem que pensar com carinho... Tuffic é homem bom, trabalhador... depois que casar com Dona Fernanda não vai ter olhos para outra mulher...

As outras mulheres começam a cochichar e sorrir para ele.

DONA FERNANDA (GRITANDO)

Tuffic... depois conversamos...

TUFFIC

... e, depois, Tuffic ainda é jovem, viril...

DONA FERNANDA

Olha só o que faço com sua virilidade...

Ela pega a vela da mão dele e começa a bater com ela nele até esta se quebrar.

Dois jovens coroinhas, que vinham logo atrás, segurando velas semelhantes, seguem o exemplo e iniciam uma batalha com suas velas.

Um grupo de rapazes, que estavam próximos, tiram de dentro de um saco alguns porretes de madeira, e partem para cima de um outro grupo de rapazes, que se defendem com golpes de capoeira.

A confusão se generaliza. As pessoas começam a correr para todos os lados. Os homens que carregavam a santa, para proteger esta, começam a correr ladeira acima, o que deixa o bispo e o padre em desespero, com medo que esta possa cair ao chão.

Tuffic procura Dona Fernanda na confusão mas não a encontra.

49-INT. LOJA DE TECIDOS, RIO - DIA

Tuffic está debruçado sobre o balcão, olhando a navalha.

Uma freguesa chamada DONA RUTH (branca, 60 anos) conversa com o senhor Moussad.

DONA RUTH

O que tem seu filho, seu Moussad ?

MOUSSAD

Não saber... Faz dias que Tuffic estar assim...

DONA RUTH

Deve de estar apaixonado...

MOUSSAD

Não por mulher libanesa... isso artigo raro por aqui...

MOUSSAD (PARA TUFFIC)

Tuffic... não ser hoje que ter que cobrar aquele português ?

Tuffic levanta do balcão sobressaltado.

TUFFIC

É verdade... Tuffic ia esquecendo do português...

Ele guarda a navalha novamente no bolso, pega o chapéu, e sai apressado.

DONA RUTH

Mas o senhor só aceita mulher libanesa para o seu filho, senhor Moussad ?

MOUSSAD

Filho de Moussad já não é mais aquele jovem... se Tuffic já não pode mais ficar escolhendo mulher não vai ser seu pai que vai...

Um garoto negro chega correndo a loja. Ele se dirige ao Senhor Moussad.

GAROTO

Trago um recado para o Senhor Tuffic. Dona Fernanda manda dizer que aceita proposta de casamento do senhor Tuffic.

DONA RUTH

Ora... mas não era sobre isso
que falávamos ?

MOUSSAD

Tuffic já tem uma noiva e nem
contou para Moussad... esse
Tuffic...

Moussad pega uma moeda no bolso e entrega para o menino.

MOUSSAD (CONT.)

Só que agora garoto ter que le-
var mensagem para o próprio Tuf-
fic. Ele deve estar chegando
agora no Largo da Carioca.

O menino sai correndo sob os olhares de Moussad e Dona
Ruth.

50-EXT. LARGO DA CARIOCA, RIO - DIA

O relógio que fica na praça do Largo da Carioca marca dez
horas. Tuffic procura proteger-se do sol ficando sobre a
sombra deste situado no meio do largo. Ele seca o suor
da testa e do pescoço com um lenço.

Juca Reis acompanhado de uma dúzia de comparsas, também
portugueses, armados de porretes e navalhas, surge entre
as árvores e caminha em direção ao libanês.

JUCA REIS

Mas não é que o turco têm peito
mesmo...

TUFFIC

Tuffic não é turco...é libanês.
Português trouxe o dinheiro ?

Um comparsa de Juca bate no ombro do português.

COMPARSA

Olha lá Juca, os pingente
chegaram...

Uma gangue de pardos e africanos liderados por Boca
Queimada, também armados, surge no outro lado do largo.

JUCA REIS

Agora eu quero ver, turco, se voismicê sabe usar mesmo essa navalha...

Os portugueses começam a andar em direção ao confronto empurrando Tuffic para este também.

TUFFIC

Tuffic não veio aqui para brigar...Tuffic só querer o seu dinheiro...

Os dois grupos ficam frente a frente. Tuffic no meio.

BOCA QUEIMADA

Então, aqui que vai ser a pegada?
É aqui que o velho carpinteiro vai meter no chinelo o magote dos galego ?

LEGENDA = Então aqui que vai ser o confronto ? É aqui que o velho carpinteiro vai superar o grupo dos portugueses ?

JUCA REIS

Pois o galego aqui vai ter o maior prazer em mandare um bilhete na corneta pro pingente aí lamber o fundo do tacho...

LEGENDA = Pois o português aqui vai ter o maior prazer em mandar um tapa na cara do malandro até ele cair no chão.

BOCA QUEIMADA

Acho que o galego tá louco pra levar uma caveira no espelho e um bom banho de fumaça...

LEGENDA = Acho que o português tá querendo levar uma cabeçada na cara e experimentar um bom tombo...

JUCA REIS

Então, vamos colocar o macarrão para cantar...

LEGENDA = Então, vamos iniciar a pancadaria.

Boca Queimada, que estava com as mãos para trás, coloca estas para frente revelando um porrete fino que trazia em uma das mãos.

BOCA QUEIMADA
Petrópolis.

LEGENDA = Porrete.

Em TRAVELLING acompanhamos o bando de Boca Queimada tirando seus porretes e mostrando aos adversários.

Juca Reis tira sua navalha do bolso e também mostra ao adversário.

JUCA REIS
Sardinha.

LEGENDA = Navalha.

Continuando o movimento de câmera passamos para o grupo de Juca Reis, um a um, sacando dos bolsos suas navalhas até chegar aos bolsos de Tuffic que, imóvel, com as mãos para trás, não percebe que ele está "quebrando a corrente".

Os rostos dos capoeiras do bando de Juca viram-se todos para ele.

Um capoeira, que está ao seu lado, o cutuca com o cotovelo, mostrando a sua navalha para ele.

Coagido, Tuffic acaba tirando sua navalha do bolso também. Ele olha para os lados procurando uma saída. Não acha.

O bando de Boca Queimada parte para cima dos portugueses que não recuam e investem contra eles também.

Tuffic fica imóvel, como que paralisado, enquanto vemos pelo seu Ponto de Vista (PV), a luta que se desenvolve ao seu redor.

Juca Reis luta com um mulato alto e magro muito rápido com o manejo do porrete. O português ginga o corpo desviando-se dos golpes contra ele e lhe aplica uma rasteira derrubando o outro, que no entanto se apóia sobre as mãos, fazendo uma bananeira. Juca aproveita o momento

vulnerável do outro e rasga-lhe a perna fazendo espirrar sangue em Tuffic.

51-EXT. RUA PRÓXIMA, RIO - DIA

O garoto que traz a mensagem para Tuffic chega próximo ao largo. Ao ver a confusão formada neste, ele dá meia volta e volta correndo pelo mesmo caminho que veio.

52-EXT. LARGO DA CARIOCA, RIO - DIA

Um capoeira do Bando de Boca Queimada quebra um porrete na cabeça de um português que sai caminhando passando na nossa frente para cair morto alguns metros depois.

Outro português amarra um barbante no corpo de uma navalha e colocando-se bem a nossa frente, como se estivesse manejando um chicote, lança esta em direção aos oponentes fazendo-os recuar. Porém, na volta desta, ela passa bem ao nosso lado, para voltar para o segundo lançamento e retornar novamente para nós desta vez passando do outro lado. O português agora gira esta acima de sua cabeça acertando a jugular de um mulato e fazendo esta passar bem na frente de nossos olhos respingando sangue nestes. Levamos as mãos aos olhos para limpar o sangue e quando conseguimos enxergar vemos que Tuffic foi navalhado na barriga de ponta a ponta e que o sangue jorra por sua roupa. A navalha que ele segura cai de sua mão. Ele cai ao chão desacordado.

De repente ouvimos sons de apitos. É a policia que aparece ao longe.

CARRAPETA

Olha a cozinha...

LEGENDA= Olha a polícia...

BOCA QUEIMADA

Vamos desgalhar...

LEGENDA= Vamos fugir da polícia...

Os dois grupos fogem para o mesmo lado.

Ficam somente os que estão caídos, o português que levou a paulada, o mulato que foi degolado e Tuffic com o ventre aberto.

Um gordo delegado, seu assistente e outras pessoas se aproximam dos corpos caídos ao chão. (REF. 2 - ESSA CENA SERÁ USADA NOVAMENTE MAIS A FRENTE)

ASSISTENTE

Só sobraram esses aí...

O delegado faz um gesto para os outros policiais.

DELEGADO

Podem levar...

Os policiais saem arrastando Tuffic deixando um rastro de sangue.

Juca Reis pega a navalha e foge por um beco com esta.

53-EXT. BECO, RIO DE JANEIRO - DIA

Ao dobrar uma esquina é surpreendido por dois capangas negros, maiores ainda que ele, que desarmando-o da navalha, o seguram fortemente um de cada lado e o levam para próximo de um tálburi.

A navalha é entregue ao segurança branco, de nome JOAQUIM (negro, 35 anos, forte), que parece ser o chefe dos outros.

JOAQUIM

O moço não precisa se preocupar que não é da nossa intenção lhe fazer mal...

JUCA REIS

Então me soltem.

JOAQUIM

Não podemos fazer isso... o conde não iria aprovar...

JUCA REIS

Voismicê está falando de meu pai... foi ele quem os contratou, não foi ?

JOAQUIM

O seu pai teme pela sua segurança... por isso determinou seu imediato retorno para Portugal...

JUCA REIS

Pois digam a ele que só retorno para lá morto.

JOAQUIM

Ele imaginou que o senhor ofereceria resistência... por isso nos contratou... já estamos acostumados a lidar com fujões...

Joaquim faz um gesto para o levarem.

Os homens tentam forçá-lo a entrar no títburi, mas ele resiste, agarrado com as mãos para trás por um deles, Juca joga o corpo para frente, para depois jogá-lo para trás, acertando com a nuca o nariz daquele que o segurava, fazendo este sangrar. Porém ele não larga Juca, limpando o nariz em sua roupa.

Joaquim tira um porrete pequeno das costas e passa para um dos homens.

Este aproxima-se de Juca pela frente e o golpeia no ombro. Não funciona.

Como revide, o português lhe acerta um chute com a ponta de seu sapato fino na perna.

O capanga o golpeia com toda a sua força uma segunda vez no mesmo lugar. Juca se verga um pouco, dá um largo sorriso e volta a aplicar um novo chute na perna do outro também no mesmo lugar.

Joaquim decide intervir e irritado toma o porrete das mãos do capanga, que sai encarando Juca mas rengando da perna.

JUCA REIS

Pois saibam que eu não sou um negro fujão... voismicês não irão...

Mas ele não completa a frase porque Joaquim, se aproxima rápido e lhe aplica um golpe entre o pescoço e o ombro fazendo o português desmaiar de pronto.

Os outros o colocam no títburi. Um deles retira a navalha do bolso do português e entrega-a para Joaquim.

Joaquim olha detidamente o instrumento, antes de jogá-la, por cima do telhado de uma casa.

Acompanhamos o percurso da navalha.

Ela cai no telhado de uma casa, quica neste, abre-se, e, perseguindo aberta um gato preto que consegue escapar, cai num varal de roupas no quintal de uma casa, rasgando uma calça ao meio, bate numa lata, dá uma pirueta no ar, para, por fim, parar dentro de um sapato.

54-EXT. QUINTAL DA CASA, RIO - DIA

O cachorro late nervosamente no quintal.

De repente, CÂNDIDO (negro, 30 anos, alto, magro, descalço) entra correndo neste sendo seguido pelo cachorro, localiza os sapatos e os pega. O cachorro morde a barra de sua calça, mas ele consegue se desvencilhar e fugir.

Ao lado da casa tem um terreno baldio, por onde ele sai para encontrar ROSA BAIANA (mulata muito bonita, 28 anos, corpo bem torneado).

55-EXT. TERRENO BALDIO, RIO - DIA

Ele mostra os sapatos para ela, que comemora junto a ele. Os dois examinam o fruto do roubo.

ROSA BAIANA
Sapato bonito...

Cândido encontra a navalha dentro do sapato.

CÂNDIDO
Olha só...veio uma sardinha dentro... Era tudo que eu precisava...

Rosa toma a navalha da mão dele e a guarda no cós do vestido.

ROSA BAIANA

Ora, tá! Voismicê agora é um escravo fugido...Se arranjar mandu e a policia te pegar, ocê volta pro cafezal...pra servir de capacho pro ioiô Amâncio... É isso que cê quer ?

Cândido fica em silêncio. Ela o beija. Ele passa a mão em sua bunda. Ela o afasta.

ROSA BAIANA

Home quá, me deixe! Deixe de ozadias e calça esse sapato...

Cândido senta e tenta calçar os sapatos, mas estes ainda são pequenos para seus gigantescos pés. Ele joga o sapato na parede.

ROSA BAIANA (CONT.)

Calma...voismicê vai conseguir...

CÂNDIDO

Ocê tá dizendo isso, porque é forra, não teve que mudar de nome e viver fugindo...

ROSA BAIANA

Ói, sua vida! Já lhe falei que escravo fugido não pode nunca atender pelo próprio nome... E ademais, voismicê sabe muito bem que iô Amâncio me libertou só de maldade, depois que descobriu que nós havíamos casado... foi a única maneira que aquele diabo encontrou para nos separar.

CÂNDIDO

Ele só não contava... que eu fosse escapar e lhe encontrar aqui, na cidade. Mas eu nunca consegui aceitar que ocê tenha deitado com ele...

Ela faz um carinho em seu rosto.

ROSA BAIANA

Voismicê sabe o que ia acontecer se eu me negasse... mas agora não adianta chorar... o que temo que fazê é conseguir um par de sapatos pra voismicê... pois escravo fugido não usa calçante.

CÂNDIDO

Já faz dois dias que eu cheguei a cidade e que eu estou tentando conseguir um par de sapatos... Já procurei até no cemitério... Já tô quase cortando um pedaço do pé fora...

Ele chuta com raiva uma parede. Rosa Baiana o observa com os braços cruzados.

ROSA BAIANA (V.O.)

Estava na hora de eu pedir ajuda... E só existia um lugar onde eu poderia encontrá-la... na Pequena África.

56-EXT. BAIRRO DA SAÚDE, RIO - DIA

Voando, vemos de cima, a Praça Onze, depois o Bairro da Saúde, até descermos no bairro da Gamboa.

ROSA BAIANA (V.O.)

Praça Onze, Saúde e Gamboa eram os bairros que compunham o que muitos chamavam de Pequena África.

Enquadramos o bairro com seus casarões transformados em cortiços, em frente a uma praça onde, na sua maioria, negros estivadores, carregadores, barbeiros, quitandeiros, lavadeiras, costureiras, carregadores, feiticeiros, mães de santo, capoeiras, malandrins, desempregados, trabalham e desfilam sua alegria e miséria.

ROSA BAIANA (CONT. V.O.)

Ela era chamada assim, por que a maioria de africanos que ali habitavam era de escravos libertos vindos da Bahia. Mas, apesar de

ROSA BAIANA (CONT. V.O.)
 libertos não eram poucos os que
 ajudavam os fugidos.

57-INT. DE UMA CASA, BAIRRO GAMBOA, RIO - DIA

Um capitão de campo (barbudo, mal encarado, vestuário rústico, empunhando uma espingarda) mostra o desenho do rosto de um escravo para um comerciante branco.

58-INT. CASA VIZINHA, BAIRRO GAMBOA, RIO - DIA

Numa casa em frente, o mesmo escravo descrito foge pelos fundos, com a ajuda de dois negros libertos (sabemos que assim o são por suas roupas de melhor qualidade e por estarem de sapatos).

59-EXT. RUAS, BAIRRO GAMBOA, RIO - DIA

Eles conduzem o escravo por diferentes becos, vielas e quintais.

ROSA BAIANA (V.O.)
 Aquela gente sabia como desaparecer pelos becos, vielas, de pequenas fachadas e grandes quintais...

O escravo e os outros dois, passam em frente a uma igreja católica, quando um grupo de fiéis negros, saem da missa.

ROSA BAIANA (CONT. V.O.)
 Na Pequena África muitos se reuniam de acordo com sua religião. Como os católicos, que após a missa iam cultuar os orixás...

Eles se misturam a um grupo que entra por um beco, para no fim deste o grupo entrar numa casa de candomblé, onde os batuques se fazem ouvir. Os três continuam o seu caminho, entrando em outro beco, encontrando com Rosa Baiana e Cândido. Todos entram num sobrado e sobem para o primeiro andar.

60-INT. DE UM SOBRADO, RIO - DIA

Em frente ao corredor uma sala ampla, onde os três homens deixam seus sapatos junto com outros à porta e entram.

Rosa e Cândido ficam do lado de fora observando o que acontece lá dentro.

No interior da sala vários homens ajoelhados ouvem a palavra de ASSUMANO MINA DO BRASIL (negro, muito alto, porte atlético, muito bonito), que lê o alcorão.

ROSA BAIANA (V.O.)

Tinha também os seguidores de Maomé, tendo como orientador Assumano Mina do Brasil, o negro mais bonito da Pequena África, casado com minha grande amiga DIDI DA GRACINDA, que no entanto, não vivia com ele.

Rosa, faz um sinal para ele vir até ali.

Enquanto isso, Cândido olha para os sapatos enfileirados, e coloca o pé do lado de um, comparando o tamanho.

Assumano chega até eles.

ASSUMANO MINA

Rosa... o que posso lhe ajudar ?

Assumano olha torto para Cândido, que já segura o sapato em uma das mãos, colocando-o sobre a palma do pé.

ROSA BAIANA

Tô procurando a Didi...

ASSUMANO MINA

Falando nela... olha ela aí...

Didi da Gracinda (negra, alta, de carnes fartas, vestido florido, com vasto decote) aparece junto ao pé da escada, respira fundo e continua.

ROSA BAIANA

Ô, didi...

Didi da Gracinda, com as mãos sobre as cadeiras, encara Assumano.

DIDI DA GRACINDA

Olá, Rosa...

Didi da Gracinda desce dos tamancos, pega estes, e bate com eles no braço de Assumano.

DIDI DA GRACINDA

E, então, Assumano... o anjo lhe apareceu ?

ASSUMANO MINA

Já falei, mulher, para você não fazer mais isso com o sapato...

Enquanto isso, Cândido tenta calçar um par, sem muito sucesso.

ROSA BAIANA

Mas não é sobre sapatos que eu venho a falar com voismicês ?

DIDI DA GRACINDA

Rosa, não tente colocar panos quentes, que hoje a tamanca vai cantar...

Ela bate novamente no marido com a tamanca.

ASSUMANO MINA

Pois quer saber ? Acho que essa semana ele não vai aparecer... Acho até mais... que esse mês ele não vai mostrá as fuças...

DIDI DA GRACINDA

Anh, cachorro...e eu, como fico ?

ASSUMANO MINA

Eu já lhe expliquei como são as coisas na minha religião... o meu anjo da guarda só permite que eu tenha mulher três vezes por mês...

Ela bate novamente com o sapato nele.

ASSUMANO MINA (CONT.)

Agora chega...

Ele volta para dentro da sala, para trás de sua bancada.

Cândido segura um par de sapatos pretos que são tomados de suas mãos por Didi da Gracinda e jogados contra Assumano que se desvia dos dois.

Ela sai enfurecida, sendo acompanhada por Rosa Baiana.

Cândido, que olhava mais um par, larga este no chão e segue as duas.

61-EXT. RUA DO RIO - DIA

Os três seguem caminhando pela calçada.

ROSA BAIANA

Deixa eu te apresentar o Cândido... meu marido... meu homem...

Cândido estende a mão para cumprimentá-la, mas ela recua.

DIDI DA GRACINDA

De home, eu não quero ver nem o cheiro hoje... tô com raiva... Então, você que é o marido que a Rosa tanto falava... Olha, vou te falar uma coisa... mulher fiel tá í... nunca vi ela permiti-ozadia pra home nenhum daqui... E olha, que não foram poucos os que tentaram, hein ?

CÂNDIDO

Isso ela não me contou.

Cândido olha sério para Rosa. Rosa puxa a amiga pelo braço para o seu lado.

ROSA BAIANA

Vamo pra casa do JOÃO ALABÁ ?

DIDI DA GRACINDA

Vamo... vou fazê um ebó pra limpar meus caminhos...

Os três cruzam a rua para o outro lado, se juntando aos muitos transeuntes.

62-INT. CASA DE JOÃO ALABÁ, SALETA, RIO - DIA

Um Marechal, ostentando sua farda, espera pela sua vez, junto com outras pessoas brancas e negras bem vestidas.

Rosa Baiana, sem se fazer avisar, passa direto para a outra sala maior, sendo seguida por Didi da Gracinda e Cândido sob os olhares curiosos dos que esperam.

63-INT. SALA, CASA DE JOÃO ALABÁ, RIO - DIA

Os escravos tocam seus atabaques enquanto outros participam do culto aos orixás. Ao centro está sentado o pai de santo João Alabá (mulato claro, gordo, profundas olheiras, tragando um charuto).

ROSA BAIANA (V.O.)

João Alabá era o mais famoso pai de santo da Pequena África. Sua casa era frequentada tanto pelos escravos quanto pelas personalidades .

Rosa vai ao encontro do pai de santo, se ajoelhando aos pés deste.

Enquanto isto, Didi vai se consultar com uma mulher, que está em transe (recebendo uma entidade).

Cândido fica próximo dos atabaques.

JOAO ALABÁ

E então, minha filha... todos os dias Ogum chama por você... quando você vai aceitá-lo ?

ROSA BAIANA

Eu não me sinto filha de Ogum... Ele é o orixá da guerra... eu sempre fui de paz... nem de discussões eu gosto...

JOAO ALABÁ

Rosa, os orixás nos conhecem melhor, do que nós mesmos... as vezes, somos capazes de fazer coisas que pensamos que nunca faríamos... e é nessa hora, que revelamos quem realmente somos...

ROSA BAIANA

Pai, queria saber como faço para conseguir ajuda para o meu marido Cândido, ali...

Vemos Cândido sendo chamado para tocar atabaque por um dos homens. Ele vai.

O pai de santo olha para os gigantescos pés de Cândido. Ele ri, acabando por se afogar com a fumaça do charuto.

JOÃO ALABÁ

Tô vendo que ele precisa de uma grande ajuda... mais voismicê fique tranquila que vô pedi ajuda pros orixá de pé grande e eles hão de ajudar seu marido, minha filha...

Rosa beija a mão do pai em agradecimento.

ROSA BAIANA

Oduiê, meu pai...

JOÃO ALABÁ

Vai com Deus, minha filha...

Rosa chega junto a Didi da Gracinda, que, ajoelhada, de cabeça baixa e de olhos fechados, se consulta com uma mulher com um santo incorporado.

MULHER

... então, minha fia... pro seu home fazê o que voismicê qué, primeiro precisa pegá um abacate, um fumo em corda...

Rosa segue seu caminho. Ela chama Cândido, que ensinado por outro, bate de olhos fechados o atabaque. Ela balança o seu braço várias vezes até ele largar este e segui-la.

ROSA BAIANA (V.O.)

Mas era na casa da TIA CIATA que eu encontrava abrigo, emprego, e onde a diversão pegava fogo.

64-INT. SALA DA CASA DA TIA CIATA, RIO - ANOITECENDO

Tia Ciata (senhora negra, um pouco acima do peso, saia branca rodada) dá um largo sorriso e abraça Cândido.

TIA CIATA

Seje bem vindo a minha casa. Pode ficar quanto tempo quiser. Assim como eu um dia recebi Rosa, agora recebo você.

CÂNDIDO

Obrigado tia Ciata, mas vai ser por pouco tempo... logo, eu arranjo um emprego e nós alugamos alguma coisa por aqui...

TIA CIATA

Deixa eu mostrar a casa para voismicê, então...

65-INT. OUTRA SALA, CASA DE TIA CIATA, RIO - DIA

Uma roda de músicos tocam suas modas de viola e casais dançam embalados por estas.

TIA CIATA

Não sei se Rosa lhe falou, mas eu sou a tia mais festeira da Pequena África... na minha casa qualquer coisa é motivo pra reunir o povo e se divertir...

66-INT. COZINHA, CASA DE TIA CIATA, RIO - DIA

As assistentes de Tia Ciata preparam comida em grandes panelões. Ali são preparados caruru, vatapá e a feijoada. Além das cocadas de muitas cores.

TIA CIATA

E aqui não falta comida também.

Tia Ciata dá uma cocada para Cândido e outra para Rosa que as comem de imediato.

67-EXT. QUINTAL DA CASA DE TIA CIATA, RIO - DIA

Uma roda de capoeira está formada, e, no centro desta, dois oponentes lutam vigorosamente.

De repente, um zum-zum-zum se faz ouvir, vindo da frente da casa.

Uma das assistentes de Tia Ciata corre até esta.

ASSISTENTE

Os urbanos...

O som dos atabaques cessa por um instante.

TIA CIATA

Rápido, Rosa. Leva ele para o seu quarto...

Rosa Baiana puxa Cândido para o fundo do terreiro, onde ficam localizados mais alguns cômodos. Eles entram num deles.

TIA CIATA

Rápido gente, voismicês sabem o que fazê.

Rapidamente, os homens se retiram do centro do terreiro, dando lugar às mulheres. Os homens começam a tocar novamente os batuques e as mulheres começam a sambar.

Um grupo de policiais, acompanhados do delegado (meia idade, alto, gordo e farto bigode) e do promotor de justiça (não vemos seu rosto) chegam ao quintal (REF.3 - ESSA CENA SERÁ USADA NOVAMENTE MAIS A FRENTE), mas tudo que encontram são um grupo de pessoas se divertindo. A música pára novamente.

TIA CIATA

Mas que prazer receber o delegado novamente em minha casa...

DELEGADO

Recebemos uma denúncia de baderna com capoeiras aqui...

TIA CIATA

Capoeiras ? Só o que temos aqui, delegado, são pessoas querendo se divertir... isso é contra a lei também ?

O promotor (não vemos seu rosto) cochicha algo em seu ouvido.

DELEGADO

Por ora, voismicês estão dispensados...

TIA CIATA

Volte quando quiser, Delegado...

Os policiais se retiram.

A música reinicia, e com ela, a dança.

68-INT. QUARTO DE ROSA BAIANA, RIO - DIA

Parados à porta entreaberta Cândido e Rosa sorriem.

ROSA BAIANA
Vamos voltar ?

Cândido a agarra por trás e fecha a porta.

CÂNDIDO
Agora, eu quero outra coisa...

69-EXT. QUINTAL DA CASA DE TIA CIATA, RIO - ENTARDECER

Uma negra, com um vestido de decote generoso e bebendo cachaça, ao ver os policiais saindo dá uma gargalhada que nos faz ver o fundo de sua garganta.

FUSÃO

Essa imagem se funde com a garganta de um garoto vendendo jornais na rua.

70-EXT. RUA DA PEQUENA AFRICA, RIO - DIA

A rua está cheia de populares e Rosa Baiana vende as cocadas de Tia Ciata numa esquina.

ROSA BAIANA
Olha as cocadas de Tia Ciata...
olha as cocadas...

Do outro lado da rua, ouve-se um certo murmurinho, com alguns comerciantes saindo para fora para ver o que acontecia.

No final da rua avistamos o motivo : é o PRÍNCIPE OBÁ II (negro, alto, meia idade, de cavanhaque, usando sobrecoxa, cartola, pince-nez de vidros azuis, guarda-chuva e bengala) que vêm distribuindo acenos de mão e reverências para todos ao seu redor.

Na esquina em frente a Rosa Baiana, ele é reverenciado por uma quitandeira que deixa a barraca para se ajoelhar e beijar suas mãos.

Um português, dono de uma padaria em frente, balança a cabeça, e rindo, indica com os braços a cena para os seus fregueses.

ROSA BAIANA (V.O.)

Ninguém na Pequena África chama-
va mais a atenção que o Príncipe
Obá II, cujo nome verdadeiro era
Galvão. Alferes Galvão, por ter
lutado na Guerra do Paraguai.
O monarca sem terras, segundo
muitos, que o consideravam ape -
nas um louco, era para outros
um autêntico príncipe. E ele
sabia reconhecer e retribuir aos
seus súditos toda esta atenção.
Graças ao livre trânsito que ele
possuía no Palácio Imperial por
causa do título de alferes...

FLASHBACK

71-INT. PALÁCIO IMPERIAL, RIO - DIA

Dom Obá II é anunciado pelo ajudante de ordens.

AJUDANTE DE ORDENS

Alferes Galvão...

Dom Obá II bate com o guarda chuva na perna deste.

DOM OBÁ II

Príncipe Dom Obá II...

Ele compassadamente atravessa o longo corredor atapetado, chegando até o Imperador para fazer a reverência e beijar sua mão (não vemos o rosto do imperador).

ROSA BAIANA (V.O.)

...muitos escravos escaparam de
castigos e alguns até gozavam de
liberdade, graças a intervenção,
junto aos poderosos, de Dom Obá
II.

72-INT. GABINETE DE JUSTIÇA, RIO - DIA

Enquadramos Dom Obá II de pé, ao lado de dois escravos, conversando com uma autoridade. Ele faz muitos gestos e aponta para estes.

73-EXT. RUA DA PEQUENA ÁFRICA, RIO - DIA

Vemos os mesmos dois escravos passarem rindo, agora, por Rosa, carregando trouxas de roupas à cabeça.

ROSA BAIANA (V.O.)
Se alguém ali poderia ajudar o
meu Cândido seria ele.

Ela corre até ele, faz a tradicional reverência e beija-lhe as mãos.

ROSA BAIANA
Dom Obá, eu tenho um pedido a
lhe fazer...

CORTA PARA

74-INT. QUARTO DE ROSA BAIANA, RIO - DIA

Um saco grande, cheio de sapatos de bico fino, é largado por Dom Obá no meio do cômodo. Cândido retira um deles da sacola e verifica que o tamanho dele é grande o suficiente para seu pé. Ele ri para Rosa.

CÂNDIDO
Acho que vai servir...

Ele coloca este no pé, mas apesar de todo o seu esforço, em virtude de ele ter o pé chato, após ele colocá-lo o sapato abre totalmente dos lados. Ele experimenta outro, e mais outro, até experimentar todos. E não conseguir.

Dom Obá e Rosa dão um longo suspiro, e colocam a mão a cintura.

CÂNDIDO
Não adianta... ninguém nesse
mundo tem o pé grande e chato
como o meu...

Dom Obá coça o cavanhaque e de repente abre um largo sorriso.

DOM OBÁ II
 Esperem aí... acho que conheço alguém...

75-EXT. ENTRADA DO PALÁCIO REAL, RIO - DIA

Dom Obá caminha em direção a entrada principal para o interior do palácio, ao que é barrado por um guarda real.

AJUDANTE DE ORDENS
 O horário de audiências é somente a tarde...

DOM OBÁ II
 Preciso falar com o rei imediatamente...

Dom Obá II tenta passar ao que é barrado com o corpo novamente pelo guarda. Dom Obá II bate com o guarda-chuva no braço do soldado.

DOM OBÁ II (CONT.)
 Vou reclamar a seu respeito, rapaz, quando estiver com o rei...

Vendo o desentendimento, o chefe da guarda vai ao encontro dos dois.

CHEFE DA GUARDA
 O que está acontecendo ?

DOM OBÁ II
 Esse jovem não quer me deixar entrar para falar com o rei...

CHEFE DA GUARDA
 O senhor sabe perfeitamente bem o horário permitido de visitas ao rei...

DOM OBÁ II
 Mas quando um príncipe como eu pede uma audiência extraordinária...

O chefe da guarda faz um gesto dispensando o soldado, pega Dom Obá pelo braço, e o vai conduzindo a saída.

CHEFE DA GUARDA

Alferes Galvão... já faz algum tempo que quero lhe falar... talvez voismicê não devesse vir com tanta frequência visitar o rei... afinal, sua alteza tem muitos compromissos e diferentes pessoas para atender...

DOM OBÁ II

Não, mas sempre tenho um tempo disponível para o imperador...

CHEFE DA GUARDA

Eu não falava de voismicê, eu falava do rei Dom Pedro...

DOM OBÁ II

Segundo... assim como eu...

O oficial dá um longo suspiro e ambos param junto ao portão principal.

CHEFE DA GUARDA

Todos nós, inclusive o rei, ficaríamos muito gratos, se voismicê fizesse o que estou lhe pedindo...

Dom Obá coça o cavanhaque e olha para ele por cima dos óculos.

DOM OBÁ II

Sim... gratos... o quanto ?

76-INT. QUARTO DO REI / PALÁCIO REAL , RIO - DIA

Vemos uma jarra com água quente ser despejada sobre os pés do rei (vemos somente os pés) depositados numa bacia. Eles são gigantescos e chatos.

Outro criado coloca um par de sapatos novos (grandes e largos) próximos a bacia, enquanto recolhe os usados e os coloca sobre uma almofada vermelha. Seguimos este serviçal.

77-INT. CORREDORES DO PALÁCIO REAL, RIO - DIA

O vemos carregando os sapatos reais até o porão, onde fica o cômodo, onde são guardadas as vestimentas reais.

78-INT. CÔMODO, RIO - DIA

Ali, espera o chefe da guarda, junto a uma janela.

CRIADO

Senhor, posso ajudá-lo ?

CHEFE DA GUARDA

Sim... eu queria saber se por acaso, voismicê saberia de um par de sapatos velhos do rei, que ele não fosse usar mais...

CRIADO

Sim, tem um que abriu na frente, que está jogado aí há anos...

O serviçal pega uma caixa, cheia de roupas velhas, e do fundo desta, tira um par de sapatos pretos com uma pequena abertura na frente.

CHEFE DA GUARDA

Eu posso ficar com eles ?

CRIADO

Sim, isso aí já era para ter ido para o lixo a ror de tempo...

O oficial sai carregando os sapatos.

79-EXT. PORTÃO DO PALÁCIO, RIO - DIA

O chefe da guarda entrega o par de sapatos a Dom Obá.

CHEFE DA GUARDA

Então, Senhor Galvão, não esqueça o que nós combinamos...

Este, ergue o par e lhe sorri, indo embora.

80-INT. QUARTO DE ROSA BAIANA, RIO - DIA

Cândido experimenta os sapatos e estes lhe servem perfeitamente nos pés. Rosa o abraça.

DOM OBÁ II
 ...e então, ele conseguiu os
 sapatos do rei...

Rosa Baiana dá um beijo no rosto do Príncipe Obá.

ROSA BAIANA
 Só mesmo um príncipe para
 conseguir algo assim...

DOM OBÁ II
 E então, vamos dar uma volta
 pela Pequena África ? Falta
 tempo até a hora da audiência
 real...

Diz ele saindo para fora.

81-EXT. QUINTAL, RIO - DIA

Rosa e Cândido também saem.

ROSA BAIANA
 Ô, mais tá, voismicê não prome-
 teu não aparecer mais lá tão
 cedo ?

Dom Obá não responde, seguindo seu caminho.

82-EXT. RUA DA PEQUENA ÁFRICA, RIO - DIA

Dom Obá abre o guarda chuva para se proteger do sol. Ao
 seu lado estão Rosa Baiana e Cândido, agora de sapatos.

De repente, inicia-se um burburinho. As pessoas começam a
 rir e dançar na Pequena África.

Um escravo, sem camisa, e todo suado passa correndo.

ESCRAVO
 A Princesa decretou. A
 escravidão acabou.

Dom Obá tira os óculos, olha para o céu e ergue o guarda-
 chuva para o alto.

DOM OBÁ II (GRITANDO)
 Viva a redentora !

Outros homens negros que também usavam guarda-chuva também os levantam para o alto.

Rosa Baiana com lágrimas nos olhos abraça Cândido.

ROSA BAIANA

Agora nós somos livres. Podemos ir aonde quisermos. Nunca mais teremos um dono, nem seremos castigados. Nunca mais.

Cândido e Rosa se juntam as outras pessoas dançando.

ROSA BAIANA (V.O.)

A festa de libertação durou dias. Os escravos, que sempre tinham que pedir permissão para poder se divertir, agora não tinham mais ninguém para mandar em suas vontades... e ninguém os faria parar tão cedo.

Vemos um homem, de pé, emborcando um garrafão de cachaça na boca de outros dois, que estão sentados.

ROSA BAIANA (CONT. V.O.)

Na casa de Tia Ciata, a coitada se revezava com outras, pra fazer comida praquele mundaréu de gente que invadira sua casa nos últimos dias.

83-INT. COZINHA DA CASA DE TIA CIATA, RIO - DIA

Vemos Tia Ciata junto com suas assistentes suando as bicas na beira do fogão, enquanto pessoas entram e saem com comida e bebida.

ROSA BAIANA(V.O.)

Já, quem não tinha o que reclamar, eram os donos de lojas de sapatos...

84-INT. LOJA DE SAPATOS, RIO - DIA

A loja de sapatos está lotada de ex-escravos comprando sapatos. Rapidamente as prateleiras ficam vazias.

ROSA BAIANA (V.O.)
 ...os agora ex-escravos tinham
 liquidado com todos os esto-
 ques...

Eles experimentam os pares e a maioria sai mancando para até alguns passos adiante tirá-los, amarrar seus cadarços em pares e jogá-los aos ombros.

ROSA BAIANA (V.O.)
 Claro que, não era fácil acos -
 tumar os pés, depois de uma vida
 inteira descalços... mas, para o
 escravo, que durante toda a vi-
 da, havia sonhado em usar um par
 de sapatos, o importante era ter
 um... nem que fosse para não
 usá-lo.

85-EXT. RUA DA PEQUENA ÁFRICA, RIO - DIA

Enquadramos dezenas de ex-escravos, carregando o seu calçado diretamente nos ombros ou pendurados em pedaços de pau, como um estandarte.

Um deles cumprimenta Cândido, que acompanha Rosa Baiana, fazendo uma reverência, dando um tapinha no sapato e sorrindo. Cândido retribui o cumprimento da mesma maneira.

Logo, todos estão imitando o cumprimento.

ROSA BAIANA (V.O.)
 E a festa na Pequena África
 parecia que não iria acabar
 nunca...

86-EXT. PRAÇA DO BAIRRO DA SAÚDE, RIO - DIA

Cândido e Rosa estão numa roda de samba no meio da praça. Eles bebem e dançam, quando alguém fala atrás deles.

ALGUÉM
 Chico Capoeira ?

Cândido instintivamente se vira.

Quem chamou é MARURÁ (branco, baixo, forte, barba cerrada). Ele está acompanhado do delegado e de guardas armados.

DELEGADO

Voismicê é Chico Capoeira, escravo do fazendeiro Amâncio Coutinho ?

MARURÁ

É ele sim... tenho certeza...

Os amigos do casal em volta, muitos agora ex-escravos, param a cantoria. Rosa se coloca a frente de Cândido.

ROSA BAIANA

Aqui, não existe mais escravos...

DELEGADO

Mas existe um assassino...

ROSA BAIANA

Assassino ? Quem é assassino aqui ?

DELEGADO

O escravo Chico Capoeira é acusado de assassinar seu senhor, o fazendeiro Amâncio.

Rosa se vira para falar de frente com seu marido.

ROSA BAIANA

Diz pra eles que você não fez nada disso Cândido...diz pra eles...

CÂNDIDO

Mas eu fiz... por voismicê...

Cândido, com lágrimas nos olhos, dá um beijo nos lábios de Rosa e a abraça.

DELEGADO

Chico Capoeira, voismicê está preso.

Marurá arrasta a pesada corrente, que os feitores usavam para prender os escravos.

Ao vê-la, Cândido se desvencilha de Rosa e parte para cima deste, desferindo-lhe um golpe de capoeira em seu peito, derrubando-o ao chão.

Ele inicia a ginga da capoeira, em frente a dois guardas e com uma bananeira acerta o rosto de ambos com os pés.

Somente o delegado está de pé, e assim, Cândido o derruba com uma rasteira.

O caminho está livre à sua frente, e ele se prepara para correr, quando ouvimos um forte estampido. Mais outro, e outro.

Enquadramos Cândido se abaixando aos poucos, revelando atrás dele Marurá com um revólver colt, ainda soltando fumaça.

Rosa Baiana sai caminhando catatônica. Sua amiga Didi fala com ela, mas não ouvimos som nenhum. Ela pára em frente a um pequeno armário, em frente à praça, para se olhar num pequeno espelho. Ela vê sua imagem refletida com o orixá OGUM atrás de si.

Didi da Gracinda coloca a mão em seu ombro.

DIDI DA GRACINDA
Rosa... Rosa Baiana ?

Rosa tira a navalha da cintura.

ROSA BAIANA
Meu nome agora é Rosa de Ogum...

Ela faz um corte profundo na palma da mão e passa em sua roupa branca.

ROSA BAIANA (CONT.)
...e minha cor agora é o
vermelho... vermelho da
guerra...vermelho de sangue...

(PD) nos olhos dela. Vemos refletido na íris de seus olhos o orixá Ogum com os braços cruzados sobre o peito e com uma espada em uma das mãos.

Ouvimos os tambores do terreiro a tocar.

Rosa parte correndo para cima de Marurá, saltando sobre suas costas e navalhando seu pescoço fazendo este espirrar sangue, enquanto seu corpo rodopia com ela ainda sobre ele, manchando de vermelho a rua ao redor. Por fim, ele cai morto ao chão.

Um guarda saca seu cacete e atinge Rosa na cabeça fazendo-a desmaiar.

Os grilhões são trazidos e preparados para colocar em Rosa Baiana.

DIDI DA GRACINDA
Isso não pode... isso não
pode...

DOM OBÁ II
Vou protestar junto ao
imperador...

Cria-se um tumulto entre os presentes que fecham o cerco sobre a autoridade policial.

Porém, chegam nessa hora, como reforço, dezenas de guardas armados de espingardas, apontando-as para o povo, que recua.

Os guardas colocam os grilhões em Rosa Baiana. Eles saem puxando os grilhões arrastando Rosa pela rua.

Faz-se um grande silêncio entre os moradores da Pequena África.

Vemos os rostos dos moradores, de Tia Ciata, de Dom Obá, de Assumano, de Didi da Gracinda, dos escravos, enquanto ouvimos, somente, o som das correntes sendo arrastadas.

As pessoas agora começam a se dispersar. Desviamos nosso olhar para o lugar onde está a navalha, ainda caída ao chão.

Um cachorro morde a navalha e sai perambulando pelas ruas da cidade.

87-EXT. RUAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - DIA

Ele sobe uma ladeira acompanhando quatro homens negros que carregam um piano.

No final da rua, ele começa a correr atrás do acendedor dos lampiões a gás, que por sua vez, têm que correr das crianças, que saem atrás dele jogando pedras neste. Mas o homem, de pernas compridas, é muito mais rápido que o cão, fazendo com que este pare para recuperar o fôlego.

Ele continua seu caminho, parando próximo a banca de churrasquinho de um chinês, que lhe chamando com uma mão, tenta se aproximar dele. Porém, vemos que a outra mão, que está às costas, esconde um facão.

Mas o cão decide seguir o seu caminho, para encontrar logo a frente uma cadela, e seguindo-a, chegar ao seu dono, que lhe faz um carinho e pega a navalha de sua boca.

88-EXT. RUA, RIO - ENTARDECER

Este homem, faz uma tatuagem no braço de um homem bem vestido. Este, o tatuado, se chama LOBO BRÁS (branco, 50 anos, barba e cabelos grisalhos).

O cachorro, com a navalha na boca, pára em frente a ela, deposita a navalha no chão, e começa a cheirar seu focinho. Ela se levanta, e começa a cheirar seu rabo.

Ele também começa a cheirar o dela, e os dois iniciam uma espiral, um cheirando o traseiro do outro, até saírem dali para outro lugar.

O tatuador está terminando a tatuagem. Ele desenha uma coroa real no antebraço do outro.

Lobo Brás pega a navalha do chão e a examina. O tatuador que está de costas nem percebe. Lobo Brás coloca esta no bolso, levanta-se, paga o homem e sai.

89-EXT. CASA DE DETENÇÃO, RIO - NOITE

Vemos Lobo Brás entrando no prédio. Acima da porta de entrada vemos o letreiro em letras garrafais que informa CASA DE DETENÇÃO.

90-INT. CASA DE DETENÇÃO, RIO - NOITE

Num grande salão, escuro e cheio de mofo, vemos homens e mulheres, sujos e mal vestidos, na sua maioria negros, alguns sendo interrogados, enquanto outros são conduzidos para outros setores onde ficam as celas.

Entre estes, junto a outras duas mulheres, vemos Rosa Baiana, que com a cabeça ainda sangrando, caminha de cabeça baixa. Ela atravessa a porta para outro setor e não a vemos mais.

Lobo Brás acena para o DIRETOR (baixo, meia idade) do presídio que lhe acena de volta. Eles se apertam as mãos.

DIRETOR

Acho que encontrei alguém que
pode lhe ser útil...

Lobo Brás sorri discretamente, enquanto os guardas abrem uma pesada porta de ferro, que range ruidosamente, não deixando que continuemos ouvindo a conversa dos dois.

91-INT. PAVILHÃO MASCULINO - CASA DE DETENÇÃO, RIO - NOITE

O diretor e Lobo Brás acompanhados de dois guardas, seguem por um corredor, iluminado fracamente, com celas dos dois lados.

Vemos através das grades destas, iluminados somente pela fraca luz vinda do corredor, silhuetas de homens negros, parcialmente nus, em movimentos suaves. Por vezes, diferentes partes do corpo deles, vêm a luz, revelando mãos, pés, costas, peitos, coxas...

Os quatro homens param em frente a uma cela, de onde ouvimos um samba triste, tocado baixinho numa viola.

Um dos guardas dá um passo a frente.

GUARDA

TICO VENTURA !

A música pára. Das sombras vêm a luz um mulato (bonito, alto, magro, 25 anos) com uma viola numa das mãos. Ele chega junto as grades. Lobo Brás faz o mesmo.

LOBO BRÁS

Voismicê é Tico Ventura ?

TICO VENTURA

Em carne, osso e viola.

LOBO BRÁS

E navalha também... pelo que
ouvi falar...

TICO VENTURA

O povo escolhe o que nos faz
a fama... e nem sempre é a
escolha que gostaríamos...

LOBO BRÁS

Mas às vezes, a fama pode nos
trazer muito lucro...

Tico Ventura o olha de rabo de olho.

TICO VENTURA

Nós não estamos falando de
meus dons como violeiro, não
é mesmo ?

Lobo Brás tira o cartão (do mesmo tipo que ele dera ao
tatuador) do bolso do paletó e entrega a ele.

LOBO BRÁS

Voismicê conhece a Sociedade
Recreativa Habitantes da Lua ?

92-EXT. FRENTE A CASA DE DETENÇÃO, RIO - DIA

Tico Ventura e outros seis integrantes do seu bando saem
da casa de detenção.

Eles saem fazendo fuzarca. Um deles pega o chapéu de uma
senhora que passava, enquanto o outro passa a mão na
bunda de sua filha. Os acompanhamos pelas ruas do Rio.

93-EXT. RUA DO RIO DE JANEIRO - DIA

Todos páram em frente a uma árvore.

TICO VENTURA

SEXTA FEIRA... é sua vez.

Sexta feira (alto, magro) se apresenta resmungando.

SEXTA FEIRA

Raio! Sempre é minha vez.

Ele estende seu longo braço, segura num galho de árvore e
habilmente sobe nesta. Num galho bem ao alto, ele retira
um embrulho e o joga para Tico Ventura.

Deste, Tico Ventura retira as navalhas e distribui estas
para o bando.

VAVAU (baixo, porém forte) sai dançando cortando o ar com a navalha.

VAVAU
 Nem sei porque tô solto...
 só sei é que agora quero tomar
 um capilé...

Tico Ventura retira o cartão que lhe foi dado do bolso e o observa.

TICO VENTURA (PARA TODOS)
 Antes, todos nós temos um
 compromisso...

94-EXT. RUA DA CARIOCA, RIO - DIA

Visualizamos uma placa na parede de uma casa de esquina identificando o nome da rua: Rua da Carioca.

Tico Ventura e seu bando chegam até um sobrado com o número 77.

95-INT. SOBRADO , RIO - DIA

Eles sobem por uma escada para a parte de cima deste. Visualizamos no final da escada uma porta com uma placa com o desenho da lua com alguns homens na sua superfície. Ao lado do desenho, um letreiro com o nome: Sociedade Recreativa Homens da Lua. Um homem negro (alto e muito forte) está parado em frente à porta.

HOMEM
 Voismicês têm convite ?

Tico Ventura lhe apresenta o cartão. O homem abre a porta e todos entram.

96-INT. SALÃO/SOBRADO, RIO - DIA

A sala está lotada de homens, mas com exceção de Lobo Brás, todos os outros são negros.

Pendurado a parede, no centro, vemos um quadro com a pintura da Princesa Isabel.

Um homem negro fala para os presentes. Seu nome é CLARINDO LOPES (30 anos, magro, usando cavanhaque). Ele é um dos chefes do movimento.

CLARINDO LOPES

... porque todos aqui presentes
foram escravos... e só quem
passou um dia por isso para
avaliar o quão gratos somos a
Princesa pelo ato de nossa
libertação...

HOMEM

Viva a Princesa Isabel !

TODOS

Viva !

HOMEM

Viva a Guarda Negra da
Redentora !

TODOS

Viva !

CLARINDO LOPES

... e agora, que somos livres,
vozes se levantam para acusá-la.
As mesmas vozes, que quando
éramos cativos, nada diziam...

Tico Ventura se vira e caminha para a saída, sendo seguido por seus companheiros. Mas quando chega a porta tem a saída barrada pelo gigante negro que lhe permitiu a entrada. Tico o encara.

LOBO BRÁS (O.S.)

Voismicê não gostou de nossa
reunião ?

Tico Ventura vira-se e o encara também.

TICO VENTURA

Pensei que iria tratar de
negócios... não de política...

LOBO BRÁS

Posso lhe falar em particular ?

Ele faz um gesto indicando o caminho. Tico Ventura o segue até o fundo do salão, onde uma porta dá acesso a outra sala.

97-INT. SALA/ SOC. REC. HOMENS DA LUA, RIO - DIA

Na sala, somente alguns armários e uma mesa como decoração.

TICO VENTURA

Já vou lhe avisando que minha pele não vai virar tamborim de malandro por nenhuma princesa... nem adianta gastar o latim...

LOBO BRÁS

Já entendi que voismicê não é um homem de ideais... no entanto, lidera um grupo grande de navalhistas...muito habilidosos, pelo que ouvi falar... e como o contingente de homens que temos aqui ainda não é o suficiente...

TICO VENTURA

Não é o suficiente ? Deve ter uns 200 homens aí fora... o que voismicês pretendem ? Fazer uma revolução ?

LOBO BRÁS

Não. Evitar uma.

Lobo Brás retira uma garrafa de licor da gaveta, um copo e serve uma dose para o outro.

LOBO BRÁS

É claro, que o senhor e seus amigos serão muito bem pagos pelos seus serviços...

Ele tira um maço de notas do bolso interno do sobretudo e discretamente passa para a sua mão.

TICO VENTURA (SURPRESO)

Ora sebo! Nem quando a gente roubou o bispo eu vi tanto dinheiro...

LOBO BRÁS

E então, senhor Tico Ventura, temos um trato ?

Tico Ventura olha para ele e vira o copo de licor de uma vez só.

CORTA PARA

98-INT. SALÃO/SOBRADO, RIO - DIA

Vemos ajoelhados, Tico Ventura e os outros de seu bando, junto com os outros, com as mãos para o alto, prestando juramento.

TODOS

Pelo sangue de minhas veias,
pela felicidade dos meus filhos,
pela honra de minha mãe e a
pureza de minhas irmãs, e,
sobretudo, por este Cristo, que
tem séculos, juro defender o
trono de Isabel, a Redentora.
Em qualquer parte que os meus
irmãos me encontrarem, digam
apenas - Isabel, a redentora -
porque estas palavras obrigar-
me-ão a esquecer a família e
tudo que me é mais caro.

Enquanto os outros fazem o sinal usual da cruz, Tico Ventura e seus amigos, tiram as navalhas dos bolsos e fazem o mesmo sinal com elas em mãos.

99-INT. SOCIEDADE FRANCESA DE GINÁSTICA, RIO - DIA

Vemos um grupo de homens em trajés de ginástica reunidos conversando.

HOMEM 1

A monarquia já tá caindo do
pé... é questão de tempo até o
povo tomar o poder e fazer a
república, como na França há 100
anos atrás...

HOMEM 2

O povo... hum... se formos
esperar por eles teremos que
esperar mais 100 anos...

Uma gritaria se faz ouvir do lado de fora. Imediatamente estes homens vão para a janela para ver o que acontece.

100-EXT.FRENTE A SOC. FRANCESA DE GINÁSTICA,RIO - DIA

Sexta Feira está pendurado na bandeira francesa, presa ao mastro, e com uma navalha, tenta cortar o fio que prende esta. Ele por fim consegue, caindo junto com a bandeira.

Os outros comemoram rasgando esta com suas navalhas.

Tico Ventura, seu bando, e mais outros armados de paus, forçam a entrada no prédio. Eles por fim entram.

101-INT. HALL/ SOC. FRANC. GINASTICA, RIO - DIA

Vários funcionários de uniforme, armados de paus enfrentam estes.

Na linha de frente estão Tico Ventura (com duas navalhas) e seus homens armados também com navalhas. Estes, como dançarinos, desferem graciosamente os golpes de navalha naqueles homens, que tentam em vão, acertá-los com seus porretes. Logo, o salão é tomado pelos homens da guarda negra.

Após os outros sucumbirem, sobra somente um funcionário, para lutar com todos.

Os homens da guarda negra, olham uns para os outros, e urrando correm atrás deste.

Ele joga o bastão para o lado e escapa por uma grande porta, fechando esta.

Os homens da guarda negra (Tico e seus homens acabam ficando um pouco para trás) abrem as duas portas.

102-INT. OUTRO SALÃO/SOC. FRANC. GINASTICA, RIO - DIA

No entanto, os capoeiras ao entrar se deparam com uma formação de homens armados que imediatamente disparam seus revólveres.

Vemos um homem fazendo a mira e o tambor de seu revólver girando e disparando. Sobre o ponto de vista da mira do revólver vemos os integrantes da guarda negra sendo alvejados (REF.4 - ESTA CENA SERÁ USADA NOVAMENTE MAIS A FRENTE).

Um negro armado com um pedaço de pau toma a frente investindo contra a formação de republicanos entrando na alça de mira do revólver.

NEGRO (GRITANDO)
Viva a princesa...

Porém, ele não termina a frase, sendo alvejado duas vezes no peito, antes.

Agora, a alça de mira focaliza Tico Ventura. Vemos o dedo engatilhando e o tambor girando. Ela é disparada, porém só ouvimos um "tec". A arma é baixada e seu tambor aberto. Ele está vazio de balas. Ele é apressadamente carregado, porém, bala a bala. Ele é fechado, e voltamos ao ponto de vista da alça de mira, que é apontada para onde estava Tico Ventura e os outros navalhistas.

Porém, ele e os integrantes da Guarda Negra não estão mais lá.

103-INT. SOCIEDADE HABITANTES DA LUA, RIO - DIA

Os homens da Guarda Negra (muitos feridos), Tico Ventura, e seu bando, começam a chegar. Clarindo Lopes os recebe com abraços e apertos de mão.

LOBO BRÁS (V.O.)
Aquele fôra o primeiro teste da
Guarda Negra. Depois viriam
muitos outros... agora, nenhum
ataque a coroa ficaria sem
resposta.

104-EXT. FACHADA DE UM JORNAL/RUA DO OUVIDOR, RIO - DIA

Da janela de um sobrado é jogado muito papel para fora. De dentro deste ouvimos gritos. As pessoas na rua correm ou apressam o passo.

105-INT. JORNAL, RIO - DIA

Enquadramos Tico Ventura e seus homens destruindo tudo o que vêem pela frente. Vavau, com uma navalha sobre o pescoço de um funcionário do jornal, faz este comer as letras de metal usadas em tipografia, uma por uma.

VAVAU

Então, voismicê não é um homem
letrado ? Então, vai cagá letri-
nha...

Outro, com uma navalha, rasga um grande rolo de papel no
meio, inutilizando-o. Outros dois quebram uma máquina
tipográfica. Já Tico Ventura derrama um tinteiro até o
final sobre a cabeça do velho editor do jornal.

TICO VENTURA

E da próxima vez que esse jornal
falar mal da Princesa, nós o
queimamos.

Ele despeja as últimas gotas sobre o velho.

TICO VENTURA

Já chega ! Terminamos aqui !

Ele e seus homens se retiram.

106-EXT. RUA DO OUVIDOR, RIO - DIA

O editor, todo sujo de tinta, sai para a rua. Ele vê um
policial (alto e forte) parado a esquina, com as mãos
para trás, e vai rápido falar com ele.

EDITOR

Policial! O senhor não viu os
bandidos destruindo o jornal ?

O policial traz as mãos para frente, uma delas empunhan-
do o cacete, batendo calmamente este na outra mão. No
seu antebraço vemos uma tatuagem da coroa real (igual a
que Lobo Brás tatuou).

POLICIAL

Bandidos ? Não vi nenhum...

Ele olha para o velho, dá as costas para este e segue
caminhando calmamente.

LOBO BRÁS (V.O.)

E assim, dia a dia, mês a mês,
a nossa Guarda Negra, ia tirando
os inimigos da coroa do caminho.

107-INT. SOCIEDADE HABITANTES DA LUA, RIO - DIA

Tico Ventura é ovacionado no palco, enquanto recebe de Clarindo Lopes, uma caixa com duas navalhas de prata dentro desta. Ele mostra estas para todos como se fosse um troféu e, ato contínuo, recebe mais uma ovação. Quando ele desce, Lobo Brás, no fundo do salão, faz um gesto, chamando-o para a sala.

108-INT. SALA/SOC. HAB. DA LUA, RIO - DIA

Lobo Brás o recebe com dois copos de licor em mãos, oferecendo-lhe um e brindando com o navalhista.

LOBO BRÁS

Ao seu sucesso...

TICO VENTURA

Ao meu sucesso...

LOBO BRÁS

Fiquei sabendo que voismicê é muito popular com as mulheres...

TICO VENTURA

É verdade. Não tem uma que resista a uma modinha cantada por mim...

LOBO BRÁS

Voismicê já ouviu falar no Corpo de Secretas ?

TICO VENTURA

É a polícia sem farda... que ninguém sabe que é polícia.

LOBO BRÁS

Exato... Recebe salário de policial, tem poderes de policial, mas poucos sabem que ele é policial...

TICO VENTURA

E o que eu tenho com isso ?

LOBO BRÁS

Tem, que é um trabalho perfeito para voismicê...

TICO VENTURA

Trabalho ? Não, essa palavra me dá urticária...

LOBO BRÁS

Vamos ver se voismicê sente coceira com isso, então...

Lobo Brás tira da gaveta a foto de SUZANA CASTERA (28 anos, branca, linda de rosto e de corpo) vestindo uma roupa de seda transparente. Ele entrega a fotografia para Tico Ventura.

TICO VENTURA

O que é isto ?

LOBO BRÁS

Seu primeiro... trabalho.

Tico Ventura fica embasbacado com a fotografia.

109-INT. CABARÉ DE SUZANA CASTERA, RIO - NOITE

Suzana Castera circula, segurando graciosamente uma cigareira, pelo movimentado salão, cheio de homens bem vestidos, e mulheres com pouca roupa. Entre estes está Lobo Brás conversando com outro homem.

LOBO BRÁS (V.O.)

Suzana Castera era o nome fictício da francesa Tina Tatti... a cocote mais famosa do reino.

Vemos Suzana sentando no colo de um general fardado, que conversa com outros dois homens engravatados.

LOBO BRÁS (V.O. CONT.)

Seu cabaré era frequentado somente pela elite que se reunia ali para beber, discutir o destino da cidade, algumas vezes até do país, e, é claro, fornicar.

Suzana levanta do colo do general e o leva para cima, para seu quarto. Ela olha com cumplicidade para um negro chamado SALVADOR MACHADO (alto, forte, 30 anos). Ele segue os dois.

110-INT. CORREDOR/BORDEL, RIO - NOITE

Ela abre a porta de seu quarto e coloca o velho para dentro.

SUZANA CASTERA

Eu já vou indo meu general.

Ela empurra Salvador Machado contra a parede, ao lado da porta, e levantando sua longa e bem torneada perna até o rosto dele, faz um carinho com o pé neste. Ela baixa o pé e tira a cigarreira dos lábios e a coloca nos lábios dele enquanto pisca um olho. Ato contínuo, ela entra.

Salvador sorri com o canto da boca mas permanece ali, de prontidão, zelando pela sua segurança.

111-INT. QUARTO DE SUZANA/BORDEL, RIO - NOITE

O General agarra Suzana por trás, enquanto ela gargalha gostosamente. Ele tira do bolso da farda um lindo colar de safiras e o coloca sobre seu pescoço. Ela se mira com a jóia num espelho grande a sua frente enquanto o general preocupa-se em desfazer os nós de seu complicado vestido.

112-EXT. FRENTE AO BORDEL, RIO - NOITE

Tico Ventura (vestido um colete elegante e acompanhado de sua viola) está em frente ao bordel falando com o porteiro deste. Ele por fim, permite sua entrada.

113-INT. BORDEL, RIO - NOITE

Tico Ventura chama a atenção das cocotes presentes que o olham com curiosidade. Ele se aproxima de MICHELLE (branca, 25 anos, vestida com um espartilho branco).

TUNICO VENTURA

Como faço para falar com o responsável pelo lugar ?

MICHELLE

A responsável... o nome dela é Suzana Castera... mas acho que agora ela não vai poder atendê-lo... ela tá com um cliente lá em cima...

Outra cocote, HELOÍSE (branca, 18 anos, espartilho preto) se aproxima.

HELOÍSE
Voismicê toca isto ?

TICO VENTURA
Sim... ganho meu pão com isso.

HELOÍSE
Então, toque para nós.

MICHELLE
Não acho uma boa idéia... Suzana pode não gostar.

Lobo Brás, que observava de longe, grita de lá.

LOBO BRÁS
Ei, violeiro! Toque alguma coisa.

OUTROS PRESENTES
Sim, toque! Toque!

Tico Ventura pega um banquinho e o coloca no centro da sala. Ele coloca o pé sobre este, apóia a viola sobre a perna, inicia os primeiros acordes e começa a cantar.

TICO VENTURA (CANTANDO)
No silêncio da noite, sómente,
Posso livre, um gemido soltar,
Que no meio das bulhas do dia
Não me é dado um momento chorar!

114-INT. CORREDOR DO QUARTO DE SUZANA/BORDEL, RIO - NOITE

Em ato contínuo a música, Suzana sai do quarto. Salvador, que esperava junto à porta, a segue.

Suzana e Salvador chegam ao parapeito da escada e ficam observando Tico cantar aquela música.

TICO VENTURA (CONT.)
Riam todos a vista do pranto,
Não escutem, por Deus minha dor,
Não procurem saber porque sofro,
Não indaguem quem foi meu amor

TICO VENTURA (CONT.)

E' segredo que n'alma conservo
Breve a campa, vou mudo descer!
E depois de findar a existência
Meu segredo não podem saber!

Os olhos de Suzana se enchem d'água.

TICO VENTURA (CONT.)

Deixem pois no silêncio da louza
Meu segredo p'ra sempre dormir,
Esquecido do mundo e de todos,
Desvendal-o ninguém há de vir!

Não, não há de!... Pois bem des-
graçado
Sou na terra, por ser trovador!

O salão irrompe em aplausos. Todos o cercam para cumprimentá-lo.

115-INT. SALÃO DA CASA DE SUZANA, RIO - DIA

Suzana desce as escadas e afastando as outras meninas chega próximo a ele também.

SUZANA CASTERA

Mas a quem devo agradecer pela
cantoria em minha casa ?

Tico Ventura curva-se e beija-lhe a mão.

TICO VENTURA

Tico Ventura.

SUZANA CASTERA

Não me parece um nome apropriado
para um seresteiro...

TICO VENTURA

E qual seria o nome apropriado
para um... seresteiro ?

SUZANA CASTERA

Um nome que lhe desse fama e
dinheiro...

Um homem gordo, de fraque preto, intervém na conversa.

HOMEM

Ahahah... todos sabemos que o único artista que conseguiu isso foi Suzana Castera... e não foi exatamente por causa de seus dotes artísticos...

MICHELLE

Pois fique o senhor sabendo que Suzana na França era uma grande atriz...

Suzana e Tico se afastam do ruidoso grupo.

SUZANA CASTERA

O que mais voismicê sabe tocar ?

TICO VENTURA

Qualquer coisa...

Tico pega o braço dela, leva junto ao seu corpo e usando este como um cavaquinho dedilha o seu antebraço. Ela sorri.

SUZANA CASTERA

Voismicê não vai conseguir tirar som do meu corpo...

Ele olha nos olhos dela.

TICO VENTURA

Quer apostar isto ?

116-INT. QUARTO DE SUZANA, RIO - DIA

Suzana e Tico caem na cama tirando vorazmente as roupas. Ele vira ela de bruços e morde com delicadeza suas pés e vai subindo até suas nádegas arrancando gritinhos de prazer dela.

LOBO BRÁS (V.O.)

Todos os homens que deitaram-se com Suzana Castera até ali perderam mais do que ganharam. Dinheiro, família, respeito... muitos perderam tudo isto, outros até mais. Sim, ela era uma predadora. Porém, mal sabia, que agora ela era a presa.

Nos afastamos do quarto quando os gemidos de Suzana tornam-se mais altos.

117-INT. CORREDOR/BORDEL, RIO - NOITE

No corredor, de prontidão junto a porta, está Salvador Machado. Os gemidos tornam-se mais altos.

CORTA PARA

118-INT. SALÃO DO BORDEL, RIO - NOITE

Suzana dança maxixe com um cliente. Ao fundo, quem toca a música no cavaquinho é Tico Ventura. Ele e Suzana trocam olhares.

LOBO BRÁS (V.O.)
E assim, no final do dia, depois
de fornicar com vários homens...

119-INT. QUARTO DE SUZANA, RIO - NOITE

Suzana, a porta, despede-se do cliente com quem dançava a pouco. Ele lhe paga com um maço de notas e beija-lhe o rosto indiferente.

Este ainda cruza com Tico Ventura que a abraça, em frente de Salvador Machado. Ela mostra o dinheiro para ele que pega todas as notas, coloca no próprio bolso, pega-a no colo, e a carrega para dentro do quarto.

Salvador Machado fecha a porta.

120-INT. CASA DE SUZANA, RIO - DIA

Tico Ventura passa pela sala com uma mala de mão sob os olhares atentos das meninas e de Salvador Machado. Ele sobe para o quarto de Suzana,

LOBO BRÁS (V.O.)
Não havia mais dúvidas... a
melhor e mais cara prostituta da
cidade estava apaixonada...

121-INT. QUARTO DE SUZANA/BORDEL, RIO - NOITE

Suzana e Tico riem deitados na cama. Ele faz cócegas com uma pluma em suas costas. Suzana fica séria por um instante.

SUZANA CASTERA

Eu não entendo porque voismicê
precisa dessas informações...

TICO VENTURA

Eu já lhe expliquei que tenho
uma dívida com uma certa
pessoa...

SUZANA CASTERA

Dívida... se é dinheiro, eu pago
e pronto... está tudo resolvido.

TICO VENTURA

Eu já lhe expliquei o que ele
quer... mas deixa pra lá...
afinal, o que os meus problemas
importam para voismicê ?

Ele levanta-se da cama e vai para a janela. Ela vai atrás
e o agarra por trás.

SUZANA CASTERA

Está bem... mas com uma condi-
ção...

TICO VENTURA

E qual vem a ser ?

SUZANA CASTERA

Agora é a minha vez...

Ela pega a pluma e passa nas costas dele. Ele a empurra
para a cama e pula para esta.

122-INT. SALÃO DO BORDEL, RIO - NOITE

Vários casais dançam o maxixe tocado por um pianista.
Entre estes está Michelle que dança com LOPES TROVÃO
(branco, 35 anos, alto e forte). Suzana vem ao encontro
dos dois.

SUZANA CASTERA

Lopes Trovão... quanto tempo.
Pensei que tinha esquecido o
caminho de minha casa...

LOPES TROVÃO
É mais fácil eu esquecer o
caminho da minha...

SUZANA CASTERA
Michelle, o Comendador Correia
está sozinho... dê um pouco de
atenção a ele, uí ?

O Comendador Correia é um octogenário sentado a uma
cadeira dormindo e babando sobre a roupa.

MICHELLE
Sim... madame.

Suzana, requebrando no ritmo do maxixe, encosta seu corpo
junto ao dele, fazendo com que este, desengonçadamente,
tente acompanhar seus movimentos.

LOPES TROVÃO
Ei! Parece que alguém estava
com saudades...

SUZANA CASTERA
Confesso-lhe que não era bem da
dança que estava com saudades...

Ela ri. Ele ri também.

123-INT. QUARTO DE SUZANA/BORDEL, RIO - NOITE

Suzana faz um strip-tease para Lopes Trovão que já se
encontra deitado em sua cama.

SUZANA CASTERA
Na França, existe um jogo
chamado chamado un vêtements par
un véritable... que significa
uma verdade por uma peça de
roupa...

Ela tira a meia e a joga para ele. Lopes Trovão vêm para
a beira da cama interessado.

LOPES TROVÃO
E como funciona ?

SUZANA CASTERA

Vous fala uma verdade e eu tiro
uma peça de roupa...

LOPES TROVÃO

É por isso que adoramos as
francesas... fale mais...

Uma abelha que estava próxima da cama sai voando. Ela dá uma volta pelo quarto para depois sair pelo buraco da fechadura.

124-INT. CORREDOR/BORDEL, RIO - NOITE

A abelha passa em frente do rosto de Salvador Machado que tenta espantá-la e segue seu caminho pelo corredor até pousar sobre a erva de um cigarro de palha.

Dois dedos habilmente enrolam esta junto com a erva. Continuamos ouvindo o zunido da abelha. Quem enrola o cigarro é Tico Ventura, que está sentado num banco no começo do corredor. Ele coloca o cigarro na boca e acende. Depois caminha em direção a Salvador Machado e pára em frente a este.

TICO VENTURA

Voismicê não gosta muito de
minha pessoa, não é mesmo ?

SALVADOR MACHADO

Por enquanto não tenho nada
contra voismicê.

Tico Ventura dá mais uma tragada no cigarro. Prossegue o zunido da abelha.

TICO VENTURA

Mas e quando tiver ?

SALVADOR MACHADO

Aí, voismicê vai saber...

Tico o encara. Ele dá mais uma tragada. Agora o zunido vai picotando até sumir. Tico Ventura volta para o começo do corredor e senta-se novamente no banco. Ele encosta a cabeça na parede e fecha os olhos.

Ele abre o olhos e percebe que adormecera. Lopes Trovão passa por ele e desce a escada. A sua frente Suzana. Ela pega sua mão e o puxa para o quarto.

125-INT. QUARTO DE SUZANA/BORDEL, RIO - AMANHECENDO

A luz do sol invade o quarto iluminando a cama onde se encontram Tico e Suzana, um de frente para o outro.

TICO VENTURA

E voismicê descobriu tudo isso tirando a roupa ?

SUZANA CASTERA

Vous sabe quantas peças uma dama veste ? Muitas...

126-INT. SALA, RIO - DIA

Um grupo de homens bem vestidos conversam, quando a sala é invadida por dezenas de militantes da Guarda Negra, armados de cacetetes, que dissolvem com violência a reunião.

LOBO BRÁS (V.O.)

Graças ao joguinho inventado por Suzana Castera...

127-INT. QUARTO DE SUZANA, RIO - NOITE

Suzana faz mais um strip-tease. Dessa vez para outro homem. Ela retira muitas peças de roupa.

LOBO BRÁS (V.O.)

... as reuniões de republicanos tornaram-se cada vez menos secretas. Suzana sabia dos riscos, mas mais do que agradar a Tico Ventura, ela estava gostando daquele novo papel...

128-EXT. RUA DO RIO - DIA

Um comício de republicanos é dissolvido pelos capoeiras da Guarda Negra e os navalhistas.

LOBO BRÁS (V.O.)

Mas a reação desses não tardaria...

129-INT. CASA DE SUZANA/SALA, RIO - DIA

Na sala estão as cocotes e Salvador Machado, limpando a casa, sob a supervisão de Suzana.

De repente, uma das janelas se rompe, com uma pedra que foi jogada a esta. A pedra atravessa a sala indo atingir um espelho localizado no final desta. Todas as meninas se assustam.

HELOÍSE

Meu Deus, estamos sendo atacadas...

SUZANA CASTERA

Calma, suas putês...

Ela vai até a janela olhar o estrago. Uma das meninas traz um papel para mostrar para Suzana.

MENINA

Veio um bilhete junto com a pedra...ele diz : "Suzana Castera. Espiã monarquista. A próxima pedra não vai ser no vidro".

Salvador Machado pega o bilhete. Todos olham para Suzana, que faz um gesto tipo "me deixem", e sobe para o quarto.

130-INT. QUARTO DE SUZANA, RIO - DIA

Suzana com o bilhete em mãos mostra este para Tico Ventura.

TICO VENTURA

Eles estão somente ameaçando... eles não vão ter coragem de fazer nada...

SUZANA CASTERA

Acabou para mim...

TICO VENTURA

O quê acabou ?

SUZANA CASTERA

Eu não vou mais passar informações para seus amigos...

TICO VENTURA

Então, acabou...

Suzana Castera sorri e o abraça beijando-o. Mas ele, inerte, não retribui seus beijos, nem seus carinhos. Ela percebe e pára de beijá-lo.

Ele caminha até o guarda roupas, retira sua mala e começa a colocar suas coisas dentro desta.

SUZANA CASTERA

Ce qui passe contigo, mon amour?

Ele nada responde. Apenas fecha a mala, pega o chapéu, o casaco... a viola.

Ela o puxa, bate nele, chora. Ele sai do quarto.

131-INT. CORREDOR DO BORDEL, RIO - DIA

Ela sai atrás dele batendo ainda neste o que chama a atenção dos outros presentes.

SUZANA CASTERA

Su rat! Vous é um rat!

Ele desce rápido as escadas e sai da casa. Ela, chorando e amparada pelas suas cocotes, volta para o quarto.

132-INT. CASA DE SUZANA/SALA, RIO - NOITE

O pianista toca um maxixe alegre, enquanto as meninas dançam entre elas, fazendo um pequeno show, para os homens presentes.

LOBO BRÁS (V.O.)

Suzana Castera não foi vista
naquele salão por alguns dias.
Mas sua volta seria triunfal...

Um velho marechal, fardado e cheio de condecorações adentra o salão chamando a atenção de todos, principalmente das meninas que logo o cercam.

Porém, logo todos os olhares se voltam em outra direção. Voltam-se para o topo da escada, onde linda, num espartilho branco, está Suzana Castera. Ela desce as escadas e vai ao encontro do marechal.

SUZANA CASTERA

Ora, um marechal em minha casa...

MARECHAL

Vim conhecer a casa que meus
oficiais falam tanto...

SUZANA CASTERA

Então faço questão de eu mesma
lhe mostrar os prazeres que ela
pode proporcionar... O senhor já
ouviu falar de um jogo chamado
un vêtements par un véritable ?

133-INT. SOCIEDADE HABITANTES DA LUA, RIO - DIA

Heloíse entrega um bilhete para Tico Valente.

134-INT. CASA DE SUZANA, RIO - NOITE

Tico Ventura entra no salão sob o olhar das meninas.
Ao pé da escada, barrando sua passagem, encontra-se
Salvador Machado. Ele pára em frente a este. Porém, mais
ao alto, Suzana chama sua atenção.

SUZANA CASTERA

Salvador...

Salvador permite a passagem do rival. Tico Ventura sobe e
com um sorriso nos lábios dá um beijo em Suzana e entra
em seu quarto. Ela fecha a porta.

Salvador Machado pega uma garrafa de cachaça no bar, um
copo, e começa a beber. Ele observa o movimento da casa.

PASSAGEM DE TEMPO

Salvador Machado seca a garrafa.

135-EXT. CORREDOR DO QUARTO DE SUZANA, RIO - NOITE

Tico Ventura desce correndo as escadas. Tico procura Lobo
Brás, que se diverte com uma menina no salão.

TICO VENTURA

Não há mais tempo... a revolução
estoura hoje...

LOBO BRÁS

O quê ? Então... vá na frente e
avise a todos... depressa.

Tico Ventura sai correndo da casa.

No alto da escada está Suzana Castera. Em PD vemos uma lágrima se formar no canto de seu olho direito. Ela inclina a cabeça um pouco para cima e a lágrima volta para o canal lacrimal e seguindo este vai sair no canal nasal por onde é expelida junto com outras gotículas. Seguimos uma em especial pelo interior da casa até ela sair por uma janela.

136-EXT. CIDADE DO RIO - NOITE

A gotícula sobe de encontro às nuvens. Conforme ela sobe vemos a cidade do alto. Vemos Tico Ventura correndo pelas ruas desta. A microgota finalmente chega às nuvens. Vemos ela se juntar com outras e , agora, ela está maior e cai. Esta gota atinge o chapéu de Tico Ventura. Outras gotas começam a cair. A chuva fica mais forte.

Tico caminha com passadas largas e não percebe quando no meio de uma passada é colocado um porrete por trás fazendo-o tropeçar e cair.

TICO VENTURA

O que é isso ?

Ele se vira e vê Salvador Machado com um porrete em mãos.

SALVADOR MACHADO

Eu não vou deixar voismicê
acabar com a vida da pa -
troinha...

Tico Ventura se levanta e saca dos bolsos do colete suas navalhas. A chuva abundante molha seus corpos.

Tico Ventura faz os primeiros movimentos e com um golpe tenta acertar com as duas navalhas a barriga de Salvador que com uma esquivada por pouco consegue escapar.

Salvador revida com uma paulada que consegue acertar as nádegas do adversário. No entanto, este se parte, ficando ele com apenas um pedaço nas mãos, que ele joga fora.

Tico sorri ao ver que ele não tem mais nenhuma arma com que se defender.

Salvador olha em volta e só vê o cavaquinho de Tico Ventura jogado ao chão. Ele pega este e o empunha.

Tico pára de sorrir. Ele com uma ginga de capoeira faz que vai para um lado e vai para outro cortando o peito de Salvador com a navalha. Salvador recua. Tico se afasta fazendo uma dança com as navalhas.

A água da chuva molha o ferimento estancando o sangue.

Agora é Salvador que parte para cima do outro. Quando se aproxima dele ele dá uma rasteira numa poça d'água jogando água nos olhos de Tico, tirando a visão deste. Ele aproveita e bate com a viola no rosto do outro arrebatando parte das cordas desta. Tico cai ao chão.

SALVADOR MACHADO
Deixem pois no silêncio da
louza...

Salvador bate com a viola novamente na cabeça dele.

SALVADOR MACHADO (CONT.)
Meu segredo pra sempre dormir...

Mais um golpe e o instrumento se parte parcialmente.

SALVADOR MACHADO (CONT.)
Esquecido do mundo e de todos,
Desvendá-lo ninguém há de vir!

Ele bate mais uma vez. O que restou do instrumento está cheio de sangue.

Lobo Brás chega ao local mas ele tem sua passagem bloqueada por um grupo de homens que não o deixam prosseguir. Ao fundo, falando com um deles está Michelle.

LOBO BRÁS (V.O.)
Parece que não éramos só nós que
tínhamos um informante naquela
casa...

137-EXT. LARGO DA CARIOCA, RIO - AMANHECENDO

Regimentos do exército passam montados em seus cavalos iluminados pelos primeiros raios de sol.

Um marechal sobe com dificuldade em seu cavalo (não vemos o seu rosto). Ele se coloca a frente da tropa e vai guiando esta.

LOBO BRÁS (V.O.)

O golpe estava em curso. Dali para a frente, nada garantiria mais a continuidade da monarquia. Nem a Guarda Negra...

138-INT. SOCIEDADE HABITANTES DA LUA, RIO - DIA

No grande salão está somente Clarindo Lopes, sentado a uma cadeira, sozinho.

LOBO BRÁS (V.O.)

... nem os navalhistas, que, sem o dinheiro da guarda negra, já não tinham mais tantas convicções políticas...

139-EXT. RUA DO RIO - DIA

Vavau e Sexta Feira assaltam um homem enquanto o restante do grupo vigia.

LOBO BRÁS (V.O.)

... e quanto muito o povo, que nem sabia o que estava acontecendo.

140-EXT. RUAS DO RIO - DIA

Populares andam normalmente pelas ruas. Comerciantes vendem suas mercadorias, casais namoram...

LOBO BRÁS (V.O.)

... mas para alguns poucos... tudo mudara...

141-EXT. RUA DO RIO - DIA

O tatuador faz uma nova tatuagem sobre a outra antiga no braço de Lobo Brás. Agora é o símbolo da República.

142-EXT. FRENTE A UMA IGREJA, RIO - DIA

Sentado nas escadas está o cego 1 (jovem, negro, de óculos escuros) pedindo esmolas.

LOBO BRÁS (V.O.)
... pelo menos aparentemente...

Lobo Brás coloca a navalha dentro do chapéu deste cego.

CEGO
Deus lhe dê em dobro.

Ele sai rápido dali, passando próximo de NICOLINO SÁTIRO (30 anos, branco, magro e com um grande nariz), que desenha uma charge do bispo, que conversa com o padre em frente à igreja.

O cego pega o objeto dentro do chapéu e o fica examinando com as mãos. Ele a abre.

Um outro cego (CEGO 2) chega junto a mesma igreja guiado por um menino. Este ao ver o outro cego parado a frente da igreja cochicha algo no ouvido do cego que ele guiava. O cego 2 levanta sua bengala no alto agitando-a.

CEGO 2
Canalha! Este lugar é meu!

O outro cego levanta-se assustado e com a navalha na mão sai em outra direção.

O menino que está com o cego 2 começa a lhe passar instruções de onde se encontra o outro.

MENINO
Mais para a esquerda!

O cego 1 passa ao lado do cego 2 sem, no entanto, ter contato com este. O cego 1 vai em outra direção.

O menino, rindo muito com a situação, ao ver o bispo, passa mais instruções para o cego 2.

MENINO
Ele está 10 passos a frente!

O cego 2 conta 10 passos e chega por trás do bispo lhe desferindo uma violenta paulada em suas costas.

BISPO
Sacrilégio! Polícia! Onde está a polícia ?

O menino rola no chão de tanto rir.

Já o cego 1 vêm em direção de Sátiro empunhando sua navalha. Porém dois policiais chegam ao local e o imobilizam.

CEGO 1

Eu vou te matar, cego dum a figa!

Este também é preso e os dois são levados.

O menino escapa correndo.

Sátiro pega a navalha no chão, a observa, e a guarda no bolso.

O bispo, com as mãos as costas e amparado pelo padre, sobe as escadarias, em direção a igreja.

Sátiro recolhe seu material de trabalho e segue seu caminho.

143-EXT. RUA DO RIO - DIA

Dois homens retiram uma placa de um café com o nome Café da Casa Real para colocar outra com o nome Café República.

SÁTIRO (V.O.)

Muita coisa mudara na política
mas pouca coisa mudara para a
maioria das pessoas...

Enquanto um homem passa lendo um jornal um grupo de mendigos usa o jornal para forrar o chão em que sentam.

SÁTIRO (V.O.)

Poucos participavam das decisões
políticas antes, e, poucos con-
tinuavam participando agora...

144-EXT. FRENTE A CONFEITARIA PASCOAL, RIO - DIA

Um grupo de homens engravatados conversa na porta da confeitaria. Eles olham um jornal com uma charge do Marechal Floriano de ceroulas esperando uma mulher, que com um pedaço da bandeira nacional, tenta consertar os fundilhos de suas calças.

SÁTIRO (V.O.)

Um lugar onde se discutia os rumos do país era na Confeitaria Pascoal. Ali se reuniam jornalistas, escritores e intelectuais, para, entre um brioche e outro, falar de política.

O grupo de jornalistas, ao vê-lo, se dispersa, cada um fugindo para um lado. Só um permanece ali, MACEDO (branco, 28 anos). Ele se aproxima do outro.

SÁTIRO (V.O.)

Era verdade que eu não despertava mais muita simpatia entre a maioria ali. Afinal, todos eram republicanos... e eu, que a pouco, trabalhava ao lado deles, agora trabalhava para os monarquistas...

MACEDO

Não adianta reclamar... foi voismicê que escolheu ficar com o outro lado...

SÁTIRO

E voismicê, também me acha um traidor ?

MACEDO

Nós somos profissionais... temos que trabalhar para quem paga mais... só é curioso que voismicê nunca está com o lado vencedor...

SÁTIRO

Talvez eu goste disso...

MACEDO

Bom, cada um sabe de si. Eu fiquei para lhe avisar de um negócio que fiquei sabendo...

SÁTIRO

Que negócio ?

MACEDO

Fiquei sabendo que mandaram cortar o teu nariz... é verdade ?

SÁTIRO

Voismicê já foi mais engraçado, Macedo...

Ele se afasta do amigo seguindo seu caminho. Mas o outro o segue.

MACEDO

É verdade! Não é brincadeira! Fiquei sabendo de um informante meu... contrataram um profissional para fazer o serviço...

SÁTIRO

Ah, é ? E quem contratou ?

MACEDO

Isso eu não sei... mas gente que odeia voismicê nessa cidade não falta.

SÁTIRO

O que falta é senso de humor a essa gente.

MACEDO

Senso de humor... voismicê deve dinheiro para metade da cidade e a outra metade voismicê já ridicularizou com suas charges...

Macedo, com o jornal em mãos, aponta para a charge do marechal de cuecas.

SÁTIRO

Eu gosto de alfinetar quem não presta...

Sátiro pega o bonde enquanto o outro ainda fala.

MACEDO

Voismicê gosta é de apanhar... e de meter o nariz onde não é chamado. É por isso que vai perdê-lo.

145-EXT. OUTRA RUA DO RIO - DIA

Sátiro salta do bonde em frente ao jornal A TRIBUNA.

146-INT. JORNAL A TRIBUNA, RIO - DIA

Sátiro entra no jornal. Dezenas de homens trabalham nas máquinas enfileiradas organizando as letras de metal para que estas pudessem imprimir.

SÁTIRO (V.O.)

Trabalhar para um jornal, naqueles dias, não era fácil como a maioria imaginava... trabalha - va-se muito, a paga mal dava para se alimentar, e ainda tinha o patrão, que nunca estava satisfeito.

No fundo do salão, três homens conversam : ANTÔNIO MEDEIROS (branco, 40 anos, alto), EDUARDO PRADO (branco, 35 anos, alto), e o REVISOR ROMARIZ (mulato, 40 anos, profundas olheiras). Antônio Medeiros ao ver Sátiro abre um largo sorriso.

ANTÔNIO MEDEIROS

Ora, se não é o meu funcionário mais esforçado... o que mais trabalha... Trabalha tanto que eu nem o vejo por aqui...

SÁTIRO

É que enquanto voismicês trabalham, eu durmo, e enquanto voismicês dormem, eu trabalho...

ANTÔNIO MEDEIROS

Revisor Romariz... o senhor dorme ?

CLOSE do rosto abatido do Senhor Romariz.

REVISOR ROMARIZ

Quem me dera... ultimamente só trabalho... fazem três dias que não vou em casa...

ANTÔNIO MEDEIROS

Viu, senhor Sátiro... que belo exemplo.

SÁTIRO

Exemplo de quem esqueceu de viver...

EDUARDO PRADO (PARA SÁTIRO)

Não adianta. Nicolino Sátiro é um malandro, um bom vivant...

SÁTIRO

Tomo isto como um elogio, senhor Eduardo Prado. De fato, eu gosto das coisas boas da vida... como almoçar nos melhores lugares...

147-INT. CASA DE PASTO FASANO, RIO - DIA

Sátiro faz um desenho do Marechal Deodoro dizendo que come na Casa de Pasto Fasano. O dono desta pega o desenho e vai pendurá-lo na entrada do estabelecimento.

Um garçom chega junto a mesa de Sátiro com um prato bem fornido de comida, enquanto um outro garçom lhe serve o vinho.

SÁTIRO

... ter a companhia das mais belas mulheres sem pagar nada...

148-INT. CASA, RIO - DIA

Sátiro desenha duas garotas lindas e nuas deitadas numa cama. De repente, um barulho na porta.

Entra no quarto a mãe das duas. Mas estas, estão dormindo, cobertas por um lençol.

Ela olha rapidamente as filhas e volta a fechar a porta.

Uma delas puxa o lençol revelando, entre as duas, a cabeça de Sátiro. Ele puxa o lençol novamente, e agora vemos o movimento de braços e pernas debaixo do lençol.

SÁTIRO

... e ainda, de quebra, dormir
na casa delas de vez em quan-
do...

149-INT. JORNAL A TRIBUNA, RIO - DIA

Os três homens olham com atenção para Sátiro.

SÁTIRO

Comida, um teto e bom sexo... o
que mais precisamos ?

ANTÔNIO MACEDO

Que tal, denegrir um republicano?

SÁTIRO

Parece divertido.

ANTÔNIO MACEDO

Estávamos discutindo aqui e
decidimos que vamos escrever uma
série de reportagens sobre o
novo chefe de polícia... o
Sampaio Ferraz... e todas elas
terão suas charges...

SÁTIRO

Sampaio Ferraz ? O que jurou
acabar com os capoeiras ?

EDUARDO PRADO

Como se os outros chefes de
polícia também não tivessem
tentado...

ANTÔNIO MEDEIROS

Sim, já conhecemos essa estó-
ria... mas tem um diabinho
soprando na minha orelha que
dessa vez a coisa vai ser
diferente... por isso, todos ao
trabalho.

Sátiro pega o caminho da rua.

150-INT. DELEGACIA, RIO - DIA

Sátiro entra no salão principal, passa pelo balcão de atendimento, e vai até o fundo do salão. Por uma porta entreaberta enxergamos Sampaio Ferraz. Ele está de pé e fala a alguns subordinados.

SAMPAIO FERRAZ

... porque esses homens conhecidos como capoeiras são a erva daninha de nossa cidade. E como tal, temos que tratá-los.

Sampaio senta-se numa poltrona localizada num ângulo que ele visualiza o chefe de polícia. Ele tira seu caderno de desenho de dentro da bolsa, o lápis e começa a desenhá-lo.

SÁTIRO (V.O.)

Promessas de acabar com os capoeiras por parte de chefes de polícia não eram novidade alguma. Todos os que passaram pelo posto prometeram o mesmo. Mas nenhum conseguiu cumprir. Porém, Sampaio Ferraz era diferente... era de conhecimento público o seu passado e as razões de seu ódio aos capoeiras...

FLASH-BACK

151-INT. TRIBUNAL DE JUSTIÇA, RIO - DIA

(REF.1)- Manduca da Praia recebe os cumprimentos de várias pessoas por mais uma absolvição.

SÁTIRO (V.O.)

... muito cedo ele havia se tornado promotor e também muito cedo acontecia suas primeiras derrotas... sempre contra capoeiras, que a serviço de poderosos tinham sua impunidade garantida...

De sua mesa de promotor, Sampaio Ferraz amassa seu pequeno chapéu de promotor.

152-EXT. LARGO DA CARIOCA, RIO - DIA

(REF.2)- O português, o mulato e Tuffic estão caídos.

As pessoas começam a circular novamente pelo lugar. Entre estas está Sampaio Ferraz, acompanhado de sua mulher e de sua filhinha, que ele carrega no colo. Ao ver a aglomeração, ele entrega a filha para a mãe e se aproxima.

A mãe do português chega ao local e tem um ataque ao ver o filho morto.

SÁTIRO (V.O.)

Sampaio Ferraz também estava presente quando alguns deles passavam dessa para uma melhor... muitas vezes, primeiro que os parentes do finado... não se pode dizer que ele estava ali para lamentar o fato... muito pelo contrário...

Sampaio Ferraz se abaixa junto ao mulato e com os dois indicadores puxa os cantos dos lábios deste fazendo este sorrir, apesar de morto.

153-EXT. QUINTAL DA CASA DE TIA CIATA, RIO - DIA

(REF. 3) - Os homens que lutavam capoeira, param esta e se retiram do centro do terreiro, dando lugar as mulheres que começam a sambar.

O delegado, os policiais e Sampaio Ferraz invadem o local, mas só encontram aquelas pessoas se divertindo.

SÁTIRO (V.O.)

Ele também participava de algumas batidas policiais... que na sua maioria não davam em nada... pois os capoeiras conheciam todos os movimentos da polícia e raramente eram surpreendidos...

A força policial se retira em silêncio. Um dos capoeiras que a pouco lutava esta encara Sampaio enquanto toca atabaque. O promotor o encara de volta.

154-INT. OUTRO SALÃO/SOC. FRANCESA DE GINÁSTICA, RIO-DIA

(REF. 4) - Sobre o ponto de vista da mira do revólver, vemos os capoeiras sendo alvejados.

Com um movimento de câmera giratório sobre a mira do revólver enquadramos quem está atirando : Sampaio Ferraz.

SÁTIRO (V.O.)

Isto tudo até o dia em que o
jogo virou na política...

155-INT. PALÁCIO DO GOVERNO, RIO - DIA

O Marechal Deodoro (não vemos seu rosto) lhe passa uma caneta dourada, a qual ele usa para assinar um documento. Uma salva de palmas irrompe dentro do salão.

SÁTIRO (V.O.)

... e ele receber carta branca
para cuidar da segurança na
cidade do Rio de Janeiro.

156-INT. DELEGACIA, RIO - DIA

Voltamos a Sátiro que agora finaliza seu desenho. Em cima ele escreve Sampaio Ferraz, o cavanhaque de aço. No canto inferior da página ele assina NS. Ele guarda o material e sai dali.

157-INT. CASA DE SAMPAIO FERRAZ / SALA, RIO - NOITE

Sampaio Ferraz conversa com dois homens (não vemos seus rostos) em volta de uma mesa.

SÁTIRO (V.O.)

Ao contrário de outros chefes de
polícia que passaram pelo cargo,
Sampaio Ferraz tinha um plano
para pegar os capoeiras.

158-INT. QUARTEL DE POLÍCIA, RIO - DIA

Um contingente de policiais (quase todos negros) está reunido. Alguns fora de ordem, conversam e andam gingando feito capoeiras.

SÁTIRO (V.O.)

E o primeiro item desse plano era afastar os homens envolvidos com a Guarda Negra e a Polícia Secreta, que passavam informações para os capoeiras sobre os movimentos da polícia...

159-INT. QUARTEL DE POLÍCIA, RIO - DIA

O comandante do batalhão lê um comunicado.

COMANDANTE

... e assim sendo, ficou decidido pelo desligamento dos senhores das forças de segurança deste município.

Os homens saem de forma tirando os quepes, as roupas e jogando tudo no meio do quartel.

160-INT. CASA DE SAMPAIO FERRAZ / SALA, RIO - NOITE

Sampaio Ferraz explica sobre a fuga dos capoeiras desenhando sobre um papel.

SÁTIRO (V.O.)

Ele sabia que tudo o que se fizera anteriormente dera errado porque sempre procurava-se capturar os capoeiras quando estes estavam reunidos em gangues, nas ruas. E estes quando não eram informados antes, tinham seus próprios meios de escapar ao cerco da polícia.

161-EXT. RUA DO RIO - NOITE

Uma gangue de capoeira faz exercícios de luta. Um deles fica de tocaia numa esquina. De repente, ele desce correndo avisando os outros que também se evadem.

Os policiais chegam a rua e já não encontram mais ninguém.

162-INT. CASA DE SAMPAIO FERRAZ / SALA, RIO - NOITE

Um deles anota numa folha de papel diversos nomes e endereços.

SÁTIRO (V.O.)

Então, ele iria capturar os capoeiras onde eles menos esperavam... dentro de suas casas.

163-EXT. FRENTE DA CASA DE MANDUCA DA PRAIA, RIO - DIA

Alguém bate a porta. Manduca da Praia abre esta. Sampaio Ferraz, acompanhado de um grupo de policiais, lhe dá voz de prisão.

SAMPAIO FERRAZ

Voismicê está preso.

Os guardas o seguram.

MANDUCA DA PRAIA

Mas isso não pode...

SAMPAIO FERRAZ

Tanto pode que estou lhe prendendo.

Quatro guardas são necessários para arrastar Manduca da Praia até a gaiola prisão montada sobre uma charrete.

164-INT. CORTIÇO CABEÇA DE PORCO, RIO - DIA

Uma gritaria se faz ouvir nos corredores do cortiço.

Um contingente de policiais, todos armados com armas de fogo, cerca o jovem Dominginhos e dois amigos seus. Eles estão armados com navalhas e movimentam estas junto com o gingado de capoeira.

Uma bengala de madeira grossa acerta por trás as pernas de um dos policiais derrubando-o ao chão. Agora vemos o agressor, é Negro Banto. Ele investe contra outro policial acertando este no meio da cabeça.

Outro tenta acertá-lo com o cabo de uma espingarda, mas ele se esquivava e acerta uma paulada nas costas deste.

Mas, de repente, um tiro acerta as costas de Negro Banto.

DOMINGUINHOS

Vô...

Ele corre até este, mas não consegue alcançá-lo, sendo brutalmente espancado pelos guardas antes que chegue ao avô que agoniza ao chão.

Sampaio Ferraz, com um revólver em mãos, acena para os guardas.

SAMPAIO FERRAZ

Podem trazê-los.

Os guardas arrastam Dominginhos e os outros dois jovens, deixando Negro Banto caído ao chão. Ele agora está inerte e com os olhos vidrados e abertos.

165-INT. SOCIEDADE HABITANTES DA LUA, RIO - DIA

Clarindo Lopes conversa com alguns membros da Guarda Negra quando a sala é invadida por um grupo de policiais comandados por Sampaio Ferraz. Todos são presos.

166-EXT. RUAS DO RIO - DIA

Dois grupos rivais se encontram numa esquina. De um lado o grupo de Boca Queimada, do outro o grupo de Trinca Espinha.

SÁTIRO (V.O.)

Logo, os grupos rivais, já não se enfrentavam mais. Eles tinham outro motivo para se preocupar.

Sampaio Ferraz e dois contingentes de policiais fecham os dois lados da rua, prendendo todos.

167-INT. CASA DE DETENÇÃO, RIO - NOITE

Dezenas de capoeiras presos fazem fila para passar para o setor onde ficam as celas. Entre estes vemos Manuel Preto, Bigode de Seda e Aleixo, o açougueiro. Acompanhamos eles passarem para a outra ala.

168-INT. CASA DE DETENÇÃO / ALA DE CELAS, RIO - NOITE

As celas estão superlotadas. Vemos numa delas o bando de navalhistas de Tico Ventura.

SÁTIRO (V.O.)

A terceira medida que Sampaio Ferraz tomaria para aniquilar com as gangues logo se tornaria conhecida...

169-EXT. PORTO DO RIO DE JANEIRO - AMANHECENDO

Uma carroça, com grades, carregada de capoeiras chega ao porto.

Lá, já centenas de homens, vigiados por dezenas de guardas armados com armas de fogo, esperam a atracação de um navio que se aproxima.

SÁTIRO (V.O.)

... os capoeiras presos seriam enviados para a ilha de Fernando de Noronha, no extremo norte do Brasil. Assim, Sampaio Ferraz, pretendia isolar os mais perigosos capoeiras...

Os homens começam a embarcar no navio.

SÁTIRO (V.O.)

Sampaio Ferraz, que durante toda a vida, havia pregado o respeito absoluto as leis, agora jogava de vez no lixo todo o seu saber jurídico...

Ele observa os capoeiras subindo no navio.

SÁTIRO (V.O.)

Enquanto Sampaio Ferraz preocupava-se em liquidar com todos os capoeiras, eu me preocupava com somente um...

170-EXT. RUA DO RIO DE JANEIRO - DIA

Sátiro lê um jornal republicano em que ele é satirizado. Numa charge aparece ele, com a mão no nariz e perguntando para algumas pessoas "Alguém viu o meu nariz?"

SÁTIRO (V.O.)

E a esta altura, todos já sabiam do fato, o que não me surpreendia, afinal esperar discricção de um jornalista, era pedir em demasia...

Numa esquina, dois homens, com o jornal em mãos, apontam para ele rindo e colocando a mão no nariz.

SÁTIRO (V.O.)

Porém, naquele exato momento, acontecia algo mais importante que o destino do meu nariz...

171-EXT. RUA DO OUVIDOR, RIO - DIA

Juca Reis caminha pela rua, acompanhado de dois amigos. De repente, ele e seus amigos são cercados por uma patrulha da polícia, comandada por Sampaio Ferraz.

JUCA REIS

Mas o que é isso ?

SAMPAIO FERRAZ

Fomos avisados de sua chegada.

JUCA REIS

Como, foram informados? Quem informou?

SAMPAIO FERRAZ

Voismicê está preso.

Ele faz um gesto para os policiais amarrarem suas mãos.

JUCA REIS

Preso ? Mas eu acabei de desembarcare do navio...

SAMPAIO FERRAZ

O senhor foi avisado que se retornasse ao Brasil seria preso... não foi ?

JUCA REIS

Voismicê sabe com quem estar a
falar ?

SAMPAIO FERRAZ

O sei muito bem... o senhor é
que não sabe quem eu sou...
Podem levá-lo.

Os policiais conduzem o português.

Da vitrine de uma pequena loja de tecidos, vemos no interior desta, o libanês Tuffic, observando o que acontece.

Sampaio Ferraz dá um leve sorriso para ele e faz um aceno com o chapéu ao que é retribuído.

172-INT. LOJA DE TUFFIC, RIO - DIA

Dona Fernanda, trajando um vestido claro, aparece do fundo da loja. Ela abraça o marido que lhe beija ternamente na testa. Eles ficam ali, abraçados, olhando o movimento na rua.

173-EXT. RUA DO RIO - DIA

Um garoto oferece jornal a um passante. Na capa deste, lê-mos "FILHO DE FAMÍLIA ILUSTRE É PRESO POR SAMPAIO FERRAZ".

SÁTIRO (V.O.)

Essa não seria mais uma prisão
comum de um capoeira para
Sampaio Ferraz...

174-INT. PALÁCIO DO GOVERNO, RIO - DIA

Sampaio Ferraz, de pé, conversa com o Marechal Deodoro (não vemos seu rosto), sentado atrás da mesa. Ele tem um pequeno acesso de tosse, até pigarrear e por fim, cuspir na escarradeira cheia, localizada ao lado da mesa.

SÁTIRO (V.O.)

... porque várias vezes se levantaram em favor do português. Inclusive, de um ministro que ameaçara se demitir caso o jovem não fosse libertado. Mas Sampaio

SÁTIRO (V.O.)
 Ferraz também não deixaria barato.

Sampaio Ferraz chega mais junto a mesa do Marechal.

SAMPAIO
 Então, o senhor vai ter que fazer uma escolha : porque se eu tiver que libertá-lo, no mesmo dia o senhor recebe em sua mesa a minha carta de demissão. Só que antes disso, eu ainda faço questão de libertar todos os capoeiras que estão presos. Porque o que vale para um, vale para todos.

Sampaio também cospe na escarradeira e sai da sala.

SÁTIRO (V.O.)
 É claro, que diante de tal ameaça, o Marechal recuou.

175-EXT. CAIS DO PORTO, RIO - ENTARDECER

Juca Reis, amarrado junto com Manoel Preto, Bigode de Seda, Boca Queimada e Aleixo, o açougueiro, sobem a rampa que dá acesso ao navio. Todos entram neste.

Sentado, sobre alguns estrados de madeira está Sátiro finalizando sua charge. Ela mostra Juca Reis amarrado junto aos outros negros, porém atrás dele, está Sampaio Ferraz, a chicoteá-lo, como os feitores faziam com os negros anos atrás.

SÁTIRO (V.O.)
 Com aquela prisão o cavanhaque de aço estava quase completando sua obra. Quase, porque, o golpe final nas gangues de capoeiras, só seria dado alguns meses mais tarde.

176-INT. JORNAL MONARQUISTA /TÉRREO , RIO - DIA

Vemos um jornal saindo da prensa. Sua data é 11 de outubro de 1890. Na capa deste lê-se NOVO CÓDIGO PENAL : PRATICAR CAPOEIRA AGORA É CRIME.

Sátiro com o jornal em mãos conversa com outros repórteres.

SÁTIRO

Agora, o jurista Sampaio Ferraz não precisa mais se constranger em agir nas sombras da lei. Se é que ele um dia se viu constrangido.

Os outros riem.

Um garoto chega com um pequeno embrulho e o entrega para Sátiro.

Sátiro o abre e dentro vem um focinho de porco.

Os outros riem a valer agora.

SÁTIRO

Tudo bem... quem foi ?

Todos levantam os braços em negativa. Sátiro olha novamente para o focinho.

Um aprendiz entra assustado no prédio do jornal. Todos param de trabalhar para ouvir o jovem.

APRENDIZ

Fujam! Fujam! Lá vem eles!

ANTÔNIO MACEDO

O que há, rapaz ?

APRENDIZ

Um bando fardado vêm descendo a rua, gritando: "Morra a Tribuna", "Viva o Marechal Floriano". Eles estão vindo para cá.

ANTÔNIO MACEDO

Todo mundo para fora. Larguem já o que estão fazendo.

Todos saem correndo. Sátiro e Eduardo Prado sobem para a parte de cima do prédio.

177-INT. JORNAL MONARQUISTA / PRIMEIRO ANDAR, RIO - DIA

Na sala da redação está somente o Revisor Romariz dormindo com os braços cruzados sobre a sua mesa de trabalho.

SÁTIRO

Romariz! Acorda! Romariz!

Eduardo Prado o sacode. Ele não acorda.

EDUARDO PRADO

Vamos, homem! Os militares estão vindo aí! Levanta!

O revisor sai de sua posição e se encosta na cadeira. Ele abre os olhos.

Sátiro e Eduardo Prado descem correndo as escadas.

O Revisor Romariz fecha os olhos novamente.

178-INT. JORNAL MONARQUISTA /TÉRREO , RIO - DIA

Os assaltantes vestindo farda entram já quebrando os balcões e as máquinas e tudo que encontram pela frente.

Outro grupo procura pelas pessoas que trabalhavam ali. Eles sobem as escadas.

179-INT. JORNAL MONARQUISTA / PRIMEIRO ANDAR, RIO - DIA

Ao verem o Revisor Romariz dormindo eles fazem sinal de silêncio uns para os outros e pé por pé se aproximam dele.

Armados de cacetetes, eles aplicam estes sobre o corpo do homem, que cai atrás da mesa. Sem enxergarmos o revisor, acoitado atrás da mesa, vemos o grupo se reunir em torno dele a chutá-lo e golpeá-lo.

CORTA PARA

180-EXT. CEMITÉRIO, RIO - DIA

Uma mulher esquelética, vestida de preto, cercada de cinco crianças, chora em frente ao caixão.

Antônio Medeiros, Eduardo Prado e Sátiro conversam a um canto.

SÁTIRO

Eu sei que a culpa foi minha.
Eles estavam me procurando...

ANTÔNIO MEDEIROS

Deixe de bobagem homem...
voismicê não ouviu o aprendiz
dizer que eles desceram a rua
gritando contra o jornal...

EDUARDO PRADO

Assim como foi com o Romariz,
poderia ter sido com qualquer um
de nós, que eles encontrassem
pela frente...

SÁTIRO

E o nariz de porco que deixaram
para mim ?

Nicolino Sátiro coloca o chapéu e sai de cena.

Antônio Medeiros e Eduardo Prado se olham.

ANTÔNIO MEDEIROS

Deveríamos ter contado agora que
aquilo foi uma brincadeira...

EDUARDO PRADO

Mais tarde contamos...

Uma moça bonita vem trazer o café fazendo com que ambos
se descontraíam um pouco.

181-EXT. FRENTE AO PALÁCIO DE POLÍCIA, RIO - DIA

Sátiro sobe as escadarias do palácio e entra neste.

182-INT. PALÁCIO DE POLÍCIA, RIO - DIA

Sátiro atravessa os corredores do lugar.

SÁTIRO (V.O.)

Eu sabia que pedir ajuda ao chefe de polícia Sampaio Ferraz seria inútil depois de todas as charges que eu fizera a respeito dele nos últimos meses e que se ele me recebesse seria com desprezo.

CORTA PARA

183-INT. DELEGACIA / SALA DO DELEGADO, RIO - DIA

Sampaio Ferraz com um largo sorriso no rosto e a mão estendida para cumprimentar Sátiro.

SAMPAIO FERRAZ

Então é a voismicê quem eu devo meu novo apelido... cavanhaque de aço...

SÁTIRO

Imaginei que voismicê fosse não gostar do apelido...

SAMPAIO FERRAZ

Apesar de ter vindo de um jornal monarquista, eu gostei muito... passa firmeza, força... e é isso que o nosso povo precisa... de um pulso forte, que coloque ordem nas coisas... que acabe com essa ralé bagunceira...

SÁTIRO

Os capoeiras...

SAMPAIO FERRAZ

Os capoeiras serão os primeiros, mas depois virão os vadios, prostitutas, mendigos, macumbeiros... toda essa corja que enfeia a cidade...

Ele vai até a janela, de onde se enxerga a cidade com seus muitos casarões cinzas e ruas estreitas, e chama o outro para olhar também.

SAMPAIO FERRAZ (CONT.)

Tudo que estou fazendo agora faz parte de algo muito maior... depois de eliminar a marginália nós mudaremos as ruas, abriremos largas avenidas como em Paris... derrubaremos esses cortiços horríveis... transformaremos o Rio de Janeiro numa cidade que não vai perder em nada para qualquer capital européia...

SÁTIRO

Só tem um detalhe que eu não entendi... e quanto ao povo que vive nesses lugares ?

SAMPAIO FERRAZ

Eles se arranjam... eles sempre se arranjam...

Sátiro observa um corvo que estava pousado no parapeito da janela e que de repente levanta vôo ficando de frente para Sátiro e encobrendo a luz do sol que batia em seu rosto.

Conforme o bater de asas da ave, vemos no interior destas imagens que se modificam.

FLASHWORD

184-EXT. FRENTE DO CORTIÇO CABEÇA DE PORCO, RIO - DIA

Moradores de um cortiço enfrentam a polícia em frente a este.

NO BATER DE ASAS CORTA PARA

O cortiço sendo derrubado por operários a marretadas.

NOVO BATER DE ASAS E CORTA PARA

Os antigos moradores pegando os restos de madeira da obra.

NOVO BATER DE ASAS E CORTA PARA

185-EXT. MORRO DA PROVIDÊNCIA, RIO - DIA

Vemos estas pessoas subindo o morro, onde já vemos dezenas de barracos sendo construídos.

NOVO BATER DE ASAS E CORTA PARA

Ainda no Morro da Providência vemos a favela já formada.

CORTA PARA DE VOLTA AO ANO DE 1890

186-INT. DELEGACIA / SALA DO DELEGADO, RIO - DIA

O pássaro sai de frente do sol ferindo os olhos de Sático.

SAMPAIO FERRAZ

Mas o que lhe traz aqui ?

(PAUSA) Sático se recompõe passando a mão nos olhos.

SÁTIRO

Contrataram um capoeira para cortar fora o meu nariz...

SAMPAIO FERRAZ

É isso que dá meter o nariz onde não é chamado.

SÁTIRO

As pessoas vivem me dizendo isso.

SAMPAIO FERRAZ

E voismicê sabe quem é o mandante ?

SÁTIRO

Não.

SAMPAIO FERRAZ

E o nome do capoeira, qual é ?

SÁTIRO

Também não sei.

SAMPAIO FERRAZ

Mas a descrição do sujeito pelo menos voismicê têm, não têm ?

SÁTIRO

Não.

SAMPAIO FERRAZ

Então, como voismicê sabe que tem um capoeira contratado para lhe cortar o nariz ?

SÁTIRO

Um amigo meu me disse.

SAMPAIO FERRAZ

E esse amigo é confiável ?

SÁTIRO

Não.

SAMPAIO FERRAZ

Voismicê já parou pra pensar que talvez ele esteja tentando lhe pregar uma peça ?

Sátiro fica em silêncio.

SÁTIRO

Acho que estou fazendo papel de bobo.

Sampaio Ferraz lhe acompanha até a porta.

SAMPAIO FERRAZ

Mas caso voismicê não seja um bobo, me traga o nome do sujeito, que eu o despacho para bem longe.

187-EXT. FRENTE AO PALACIO DE POLICIA, RIO - DIA

Sátiro desce as escadarias deste. Ele mete a mão no bolso interno do colete, tira um cigarro, coloca este na boca e procura o fósforo no bolso. Ao invés disso ele acha a navalha.

SÁTIRO (V.O.)

Sampaio Ferraz tinha razão... Aquilo era uma brincadeira... de mau gosto é verdade, mas uma brincadeira de algum galhofeiro tentando ir a forra... E galhofeiros na cidade do Rio de já - neiro não faltavam... começando por mim, é claro...

Ele sorri e guarda a navalha novamente no bolso.

Ele pede fogo a um homem que passa que lhe atende de pronto. Ele observa o ambiente em volta dele.

Um homem passa com uma vaca magra, e com um balde de leite, oferece este as pessoas.

Outro com uma cadeira colocada no meio da passagem de pedestres corta o cabelo de um cliente.

Nicolino tira o bloco de papel da bolsa e o lápis e começa a desenhar.

O cego 1, que havíamos visto na primeira cena, aparece novamente tateando o caminho com sua bengala.

SÁTIRO

O cego...

Ele corre até este.

SÁTIRO

Ei amigo... tenho uma coisa para devolver a voismicê...

Ele tira a navalha do bolso e entrega a ele (entrega a ele como se este enxergasse).

O cego pega a navalha, abre esta, e, com um golpe certo de cepe o nariz de Nicolino Sátiro.

Este voa longe junto com o sangue do chargista.

Nicolino cai ao chão tentando estancar o sangramento com as mãos e gritando muito.

Já o capoeira, tira os óculos e sai correndo.

Um policial, tocando seu apito sai correndo atrás. O capoeira passa por Lobo Brás que está parado a uma esquina.

LOBO BRÁS

Livre-se da arma do crime.

O capoeira troca um rápido olhar com este e segue seu caminho.

Lobo Brás com um jornal velho em mãos, joga este no lixo.

A manchete no jornal é "A GUARDA NEGRA ASSASSINA" e abaixo desta uma charge com a assinatura de Sátiro mostra os integrantes desta com chifres e rabos de diabo empunhando suas navalhas.

188-EXT. RUA DO RIO - DIA

O capoeira corre pela rua tendo o policial no seu encalço.

No começo desta aparecem outros dois policiais armados de cassetetes. Eles correm em direção ao capoeira, que não recua nem desvia seu caminho. Próximo aos policiais ele gira o corpo e aplica uma pernada no rosto de um. O outro vem por trás dele e o capoeira com as duas mãos ao chão distende a perna para trás acertando-lhe o peito.

O policial que corria com o apito pára por um instante ao ver os dois colegas caídos ao chão. Ele e o capoeira se encaram. O capoeira começa novamente a correr.

O policial coloca-se novamente na sua captura tocando o apito novamente.

189-EXT. LADEIRA, RIO - DIA

O capoeira entra numa nova rua com uma ladeira bem pronunciada. Sem diminuir o passo ele sobe correndo essa.

O policial o segue mas quando chega no meio da ladeira ele começa a diminuir o passo, e sem fôlego, já não consegue mais que um fraco e quase inaudível soprar de apito. Ele por fim, ofegando muito, acaba parando e sentando no meio da rua.

O capoeira chega ao alto da ladeira. Desta enxergamos o mar ao fundo. Ele continua correndo.

190-EXT. PRAIA, RIO DE JANEIRO - DIA

Ele chega a mesma praia da primeira cena da estória.

Ele pula pelas pedras até chegar numa mais alta onde as ondas batem e joga a navalha bem longe, no mar.

Esta mergulha na água e desce para o fundo ficando depositada junto de um recife de corais.

Os peixes atraídos pela luz refletida na lâmina se aproximam desta.

LEGENDA SOBRE A IMAGEM

A campanha de Sampaio Ferraz contra os capoeiras conseguiu acabar com as gangues que aterrorizavam a cidade. No entanto, a capoeira sobrevivera, com alguns poucos que, escaparam da repressão do cavanhaque de aço, no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil.

Vemos a navalha gradualmente enferrujando sua lâmina e corais se depositando sobre o objeto. Mas este ainda reflete um pouco de luz atraindo ainda alguns poucos peixes.

LEGENDA SOBRE A IMAGEM

Para sobreviver, a capoeira teve que deixar de ser uma luta com vítimas, para virar esporte. Um dos maiores responsáveis por esta mudança, foi na década de 30, o baiano Mestre Bimba. Finalmente, em 1936, o presidente Getúlio Vargas, revogou a lei que tornava crime a prática da capoeira.

Vemos a navalha agora totalmente encoberta de corais. Ela agora não reflete mais luz nem atrai peixes.

LEGENDA SOBRE A IMAGEM

No ano de 2008 a capoeira foi considerada patrimônio cultural da humanidade. A navalha, agora, já não fazia mais, a muito tempo, da prática dessa arte.

FADE OUT.

SOBEM OS CRÉDITOS FINAIS.